

boletim do

instituto de  
serviço  
social



CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR  
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

---

LISBOA

lisboa

B O L E T I M

do

INSTITUTO DE SERVIÇO SOCIAL

Ano de 1966/67



CATOLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR  
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

N.º. 2 (2.º. período escolar)

(Março de 1967)

Instituto de Serviço Social (Largo do Mitelo, 1 - LISBOA-1)

1. A propósito de Serviço Social e Escola, três comunicações preparadas pelo Instituto para o I Congresso Nacional do Ensino Particular (Lisboa, abril de 1965) e aí apresentadas de forma resumida:

SERVIÇO SOCIAL ESCOLAR, da As. Fam. D. Maria Margarida Abreu Costa; AJUSTAMENTO ESCOLAR E TRABALHO DE GRUPO, da As. Soc. D. Maria Nasciolinda Constantino de Goes;

UMA TENTATIVA DE SERVIÇO SOCIAL ESCOLAR NA FREGUESIA DO BEATO EM LISBOA da As. Soc. D. Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte e das, então, Alunas Finalistas, hoje As.s Soc.s D. Maria Júlia Silva e D. Maria Teresa Duran;

2. uma Nota do Dr. A. Correia Vicente, Professor do Instituto, sobre PREVISÃO E PROSPECTIVA;

3. excerpto do Trabalho de Fim do Curso apresentado com o título de CENTRO SOCIAL - INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO HUMANA (texto dactilografado de 222 a que acrescem seis de indicação bibliográfica) pela agora As. Soc. D. Maria Albertina A. Assunção;

4. da Drª. Gerda DE BOCK, Directora do Instituto Superior de Estudos Psíco-Sociais da Cidade de Gand e Vice-Presidente do Conselho Superior do Ensino de Serviço Social na Bélgica, vinda ao Instituto, na 1ª. quinzena de novembro findo como perito das N.U. em missão de curto prazo, - a conferência que se dignou então fazer a Profissionais do Serviço Social, a convite do respectivo Sindicato Nacional( o texto, colhido de magnetofone, e traduzido com a devida permissão da Conferente, conserva voluntariamente o tom familiar de palestra);

5. notícia da vida do Instituto.

-----

Também a quantos, de diverso modo, intervieram na elaboração deste número - exprime o Instituto o devido reconhecimento.

Reconhecimento que, igualmente, se manifesta aos Assistentes Sociais e outras pessoas que lhe expressaram simpatia por esta publicação; nomeadamente à revista SERVICE SOCIAL DANS LE MONDE, a Mlle Kay Midwinter (Chefe do Serviço do Programa Europeu de Desenvolvimento Social) e a Mlle K. Kendall (Secretária Geral da Associação das Escolas de Serviço Social) que, especialmente, nos estimularam com generosa contribuição.

-----oOo-----

## SERVIÇO SOCIAL ESCOLAR

=====

As. Fam. Mª. Margarida Abreu Costa

Para encarar o Serviço Social Escolar no ponto de vista dos interesses deste Congresso várias perspectivas eram possíveis. De entre elas escolhi duas que me pareceu serem, porventura, as mais englobantes, e adaptadas:

- falando num Congresso de ensino é normal que a escola, meio por excelência de ensino, seja ponto de partida para qualquer reflexão; trata-se, neste caso, de ver o "que" e o "como" realiza o Serviço Social no âmbito escolar;

- sendo eu profissional do Serviço Social, e falando nessa qualidade, parece-me a propósito considerar também outro aspecto que, de algum modo, me é mais próprio - a escola como campo de acção do Serviço Social.

Tentarei, assim, distinguir estas duas aproximações e desenvolvê-las de maneira necessariamente insuficiente e parcelar, dada a o âmbito muito limitado deste trabalho.

+  
+ +

Tomando, pois, a primeira intenção.

Aparecem como básicos para qualquer reflexão nesta linha, quatro pontos de partida :

1º. - a evolução verificada na concepção do ensino e, consequentemente, na função da escola;

2º. - a relação actualmente desejável entre a escola, a família e o meio social;

3º. - o meio escolar enquanto meio humano;

4º. - alguns problemas inerentes à situação do Aluno.

Em todos os aspectos tentarei referir a intervenção possível do Serviço Social.

Porém, abrangendo este Congresso graus muito diferentes de ensino que, necessariamente, representam em relação a estas quatro questões uma problemática muito diversa, parece-me impossível tratar qualquer delas por forma que não seja demasiado geral. Além de que, corro, por isso, também o risco de não ter em conta facetas principais, e talvez as mais importantes, se se atender só a um nível de ensino.

Como quer que seja, e não podendo considerar especificamente os problemas do ensino primário ou do ensino universitário, do ensino liceal ou do ensino técnico-profissional - para não referir outras modalidades que, por serem especiais, supõem tipos particulares de relações - tentarei apenas enunciar algumas linhas gerais que ajudem a situar o tema e apontem para desenvolvimento futuro.

1. O primeiro ponto, pois, que queria encarar é a evolução, vivida nos nossos dias, das concepções que se referem à escola e à sua função social.

Talvez possa dizer-se que a transformação social verificada principalmente durante a crise das duas últimas guerras e no pós-guerra, alterou profundamente a situação escolar, sobretudo em três aspectos que se correlatam :

- a democratização do ensino com a consequente abertura da escola a todas as classes sociais,
- a tendência cada vez mais acentuada a ver o ensino como uma "formação" e não já tanto como uma "informação especial",
- a passagem da escola considerada, de certo modo, como "casa de conhecimento" para a perspectiva de "meio escolar" onde se realiza uma experiência da vida.

A sociedade dos nossos tempos, muito mais vasta e complexa que as anteriores, tende a estruturar-se numa base cada vez mais social e comunitária, desfeitas as barreiras entre classes. Novas

estruturas sócio-culturais e económicas vão trazendo consigo uma mudança rapidíssima na ordem humana, com alteração radical nas esferas dirigentes e nas relações de trabalho, com acesso progressivo das camadas populares à cultura e às responsabilidades políticas e sociais.

Este condicionalismo histórico atinge directamente a escola que se vê transformada. Tende hoje a abrir-se a toda a população e já não apenas aos sectores mais ou menos privilegiados que cumpria assumir tarefas de orientação ou especiais, e cuja selecção se fazia numa base essencialmente económica e cultural.

Esta abertura a todos põe problemas graves e introduz uma certa desordem nos seus moldes tradicionais de existência. A escola-para-todos vê-se obrigada a alargar os seus programas e a desenvolver a sua acção num plano mais global; entra na dificuldade de ter que adaptar o ensino a grupos muito mais vastos e diferenciados, uma vez que se perde gradualmente certa selecção qualitativa dos alunos; recebe uma população muito mais sujeita a limites diversos, quer pessoais, quer sociais, o que lhe exige uma atenção permanente ao condicionalismo social e um esforço de ter em conta toda a complexa temática da personalidade do educando nas suas múltiplas componentes e relações.

Esta situação é ainda agravada por alterações, mais ou menos acentuadas, da educação na família, sobretudo nos primeiros tempos de vida de criança, alterações que muitas vezes se identificam com um declínio.

A escola moderna, de massa não de elite, de formação não de selecção, assume um compromisso de maior amplitude, imensamente importante para o futuro dos indivíduos e da sociedade. Cabe-lhe já não tão exclusivamente o preparar para saber mas o orientar-se para o desenvolvimento da pessoa humana considerada em todas as suas dimensões e coordenadas. Para além de procurar dotar os alunos de elementos culturais básicos ou necessários a certas funções, ou ainda de abrir perspectivas na linha de um conhecimento a prosseguir, pretende contribuir intencionalmente para a formação de uma personalidade harmónica e equilibrada, baseando estabilidade emocional e o desenvolvimento das qualidades pessoais e prosseguindo todo um processo de socialização das novas gerações que tornam o aluno mais apto a ser um membro activo e útil na sua comunidade.



Daqui a necessidade de transformação estrutural da escola e novas exigências na sua concepção e na sua forma de actuar. Esta transformação impõe, quase de si, novos métodos e novos tipos de relação intra-escolar e tende para a criação de uma estrutura educativa adequada, ao nível didáctico mas também ao da organização funcional e administrativa da vida escolar. Uma actuação educativa exclusivamente baseada na relação professor-aluno não basta. Sózinho não pode já o professor interpretar e desenvolver todas as potencialidades educativas contidas no meio escolar, como é insuficiente para responder a todos os problemas, pessoais e de grupo, trazidos pelos alunos até à sala de aula. E isto não por deficiência de capacidade, ou por insuficiência da sua função de educador, mas porque a problemática social ao nível escolar se definiu e se alargou em limites muito mais vastos. Não se trata de transferir para outros a função educativa do professor - quer esses outros sejam o médico, o psicólogo, o pedagogo ou o assistente social - a aspiração é alargar a obra do professor pelo contributo de outras perspectivas e relações, próprias de técnicas ou funções diversificadas. E, ainda, valorizar as relações entre os alunos e os próprios processos de aprendizagem e formação pela procura do trabalho responsável, individual e em grupo, e de uma experiência feliz de vida comunitária.

Importa acrescentar, ainda no mesmo ponto de vista, que esta problemática não é real apenas no plano de cada estabelecimento de ensino. Marca e alarga-se a toda a orgânica educativa e compromete não só o professor mas todos aqueles que, em diversos graus e sob várias formas, se empenham em realizar uma política de educação.

A contribuição do Serviço Social nestes aspectos pode ser muito diferente e é-me impossível concretizar aqui todas, ou mesmo as mais generalizadas, das suas expressões. Queria, no entanto, apontar dois tipos de intervenção em que me parece poder o Serviço Social ter um papel a desempenhar: uma actuação de algum modo prévia e complementar da actividade escolar propriamente dita e uma actuação específica na problemática interna da escola moderna.

No primeiro aspecto tenderia a fazer ressaltar todo o papel que o Serviço Social, como técnica própria de prospecção, adaptação e educação social, pode e deve desempenhar no seu contacto directo com as pessoas e as comunidades, no que diz respeito à prepara-

ção das populações para aceitarem e utilizarem a escola como ela se define na hora presente e ainda como elemento de ligação entre o meio social e as entidades responsáveis pela vida escolar.

Assim, no que se refere à preparação das populações, e a título de exemplos, pode caber-lhe uma função importante na luta contra o analfabetismo e na compreensão de escolaridade obrigatória; no desenvolvimento do desejo de acesso à cultura das populações; na preparação das famílias para a aceitação dos programas escolares e para a compreensão das suas exigências; no esclarecimento dos direitos e deveres dos indivíduos no que se refere, por exemplo, à educação profissional; no facilitar de meios económicos e outros que permitam a frequência escolar; na resolução de dificuldades familiares ou sociais que se oponham a uma frequência escolar feliz ou a dificultem; na preparação das famílias para a procura de uma orientação profissional adequada; na informação das populações sobre o armamento escolar existente e sobre as formas de acesso às facilidades concedidas para a frequência dos diversos estabelecimentos, nomeadamente no que diz respeito a crianças ou adolescentes que requeiram tipos especiais de ensino por qualquer razão e de qualquer ordem.

Se olhar o Serviço Social como elemento capaz de influenciar os responsáveis pelo ensino, e ainda a título de exemplo, pode-se citar o seu papel na pesquisa e análise das aspirações das populações em matéria de educação, em geral, e de ensino particular; na interpretação das resistências ou de satisfação que as medidas tomadas ou propostas nelas encontram; na correcção dos desajustamentos insuportáveis de evitar entre as necessidades reais das populações e os meios que a escola ou orgânica escolar podem oferecer para responder-lhes; na proposta ou criação de obras sociais complementares de acção escolar.

Problema mais delicado é, sem dúvida, a participação do assistente social na vida interna da escola moderna. Deixando para tocar mais adiante o papel que cabe como agente de ligação, não único mas específico, entre a escola e a família e nas actividades livres complementares do ensino, queria apontar que penso poderem os assistentes sociais dar uma contribuição muito particular para a realização de uma experiência escolar desejável principalmente através de quatro tipos de actuação:

- O estudo das situações familiares e individuais dos alunos, bem como do seu meio social, sobretudo nos casos em que se reconheça ser necessário procurar formas especiais de realizar a adaptação do aluno à escola ou individualizar os processos pedagógicos por dificuldades particulares do educando. O professor com turmas demasiado grandes, ou mesmo com um número razoável de alunos, não pode sempre encontrar por si só - e talvez mesmo não lhe caiba hoje esta função - as razões de extra-escolar que impedem o aluno de obter um rendimento escolar suficiente. Só um estudo cuidadoso da situação total pode fornecer-lhe, como de resto ao médico escolar e ao psicólogo ou ao pedagogo, os elementos necessários para que, muitas vezes em equipe, possam compreender os obstáculos a vencer e os meios de ajuda a procurar. Reduzida ao mínimo a hipótese de pôr de lado por eliminação, torna-se necessário tentar compreender em profundidade as razões de personalidade ou de situação que só um estudo profundo pode desvendá-las. Algumas das perspectivas deste estudo caem directamente no campo próprio do assistente social.

- A actuação directa junto do aluno que se encontra numa situação de desajustamento psico-social, para que, através de métodos próprios do Serviço Social, ele se torne mais capaz de realizar, sem tensão excessiva e com êxito, a experiência escolar. Neste caso o assistente social aparece de algum modo como colaborador directo do professor, tentando ajudar o aluno, no seu campo específico, a ultrapassar as causas que o impedem de viver adequadamente a relação educativa professor-aluno e as outras relações da vida escolar. Ao professor interessa particularmente o grupo, a classe como grupo, embora nela exerça acção individualizada muitas vezes. Ao assistente social cabe de preparar o aluno com particulares dificuldades de adaptação para se integrar harmonicamente no grupo e render nele.

- A actuação de suporte e animação que o assistente social pode exercer no desenvolvimento de actividades para-escolares, circum-escolares ou post-escolares, sobretudo quando este tipo de actividades ultrapassa o âmbito da própria vida escolar e tende a dirigir-se à comunidade como tal. A escola que pretende ser formativa é sempre aberta à iniciativa dos alunos e muitas vezes ponto de partida para a sua actuação social em meio extra-escolar. O assistente social pode ser um elemento muito válido no apoio afectivo e técnico e na realização deste tipo de experiências fortemente educativas.

- Por último e embora este ponto seja mais delicado e discutível, principalmente por razões intrínsecas aos próprios métodos de Serviço Social, ao assistente social pode ser pedida uma certa participação no conselho escolar, sobretudo nos casos em que parece necessário um ajustamento das formas gerais de avaliação dos alunos ao caso individual. Possuidor, pela sua função, de alguns elementos de compreensão do aluno pode ele, em certas situações-problema, introduzir elementos de correcção em critérios que por serem demasiado gerais se não adaptem ao indivíduo concreto.

Ao assistente social não cabe substituir o professor ou outro qualquer técnico. A sua função, aliás, só encontra pleno cumprimento quando se completa e se prolonga na acção de uma equipe de competência mais vasta.

No plano ideal, o assistente social é um ao lado do professor, do médico escolar, do psicólogo, do pedagogo, do sociólogo. No concreto da acção as modalidades de relação entre o Serviço social e a orgânica escolar são várias e as estruturas possíveis para defini-las são diversas, como adiante direi. Por agora queria só fazer ressaltar que a sua função tem lugar próprio na escola moderna.

2. A segunda questão que me propus tratar visa a relação actual entre a escola, a família e o meio social.

Sem desenvolver muito este aspecto queria notar que a escola moderna precisa mais do que nenhuma outra de estar aberta ao diálogo social.

Factores diversos de ordem socio-cultural trouxeram uma comunidade cada vez mais complexamente organizada que olha a escola como um meio de preparação para a vida comunitária e a considera como uma estrutura social dinamicamente relacionada com muitas outras.

A escola não pode hoje viver em qualquer espécie de isolamento institucional ou funcional; só se encontra no diálogo com a família, as entidades públicas, os institutos de investigação e cul-

tura, as instituições económico-profissionais, os meios de informação, os organismos de assistência e a coadjuvação social, as associações livres, nomeadamente para-escolares, e, em geral, com a Igreja e com todas as instituições que definem a cultura e a estrutura da comunidade em que a escola se situa.

A escola cumpre desenvolver no seu âmbito o conhecimento e formar o homem, mas também lhe cabe preparar os indivíduos para as tarefas concretas do mundo em que vivem e para a integração harmónica nele. E para isso precisa estar atenta à realidade social e aos meios de formação ou deformação que os seus alunos aí encontrem.

Por outro lado, a sociedade moderna criou toda uma série de novas instituições e meios de relação que interferem na educação e na cultura das massas escolares, mais ou menos directamente, e que a escola não pode ignorar. A escola por si só, ou mesmo a escola - com - a família, é hoje mais incapaz do que nunca de assumir toda a tarefa educativa. Factores diferentes de entre os quais destacarei equando diversos os factores de comunicação e os factores de socialização, exercem uma profunda influência na formação do educando, e assim, a escola mantém-se ainda hoje, embora por razões que não coincidem inteiramente com as da épocas anteriores, apenas uma instituição especializada na educação da juventude.

Talvez uma das diferenças fundamentais a reconhecer na escola de agora seja o considerar-se, de forma geral, que ela deve participar orgânicamente num diálogo social entre instituições, diálogo que tende a estruturar-se com estabilidade e segundo processos adequados, capazes de o tornar efectivo e eficaz.

E aqui pode ainda surgir o assistente social na equipe escolar. Em duas perspectivas : como intérprete para a escola da família, da comunidade e das instituições, ou vice-versa; como membro da equipe escolar particularmente qualificado para algumas expressões do encontro escola-comunidade.

Assim, podemos ver o assistente social nas instituições económico-profissionais, nas associações familiares ou de país, nos movimentos de juventude, nos grupos de formação e recreio, nas ac-

tividades de educação social e comunitária, nos centros sociais, nos meios de trabalho, nos centros de investigação social, nos gabinetes onde se define política social, nas estruturas diversas da acção social. Qualquer destas situações pode, e deve em muitos casos, ser ponto de partida para um encontro aberto com a escola. O assistente social será, em muitas hipóteses, o profissional mais peraprado para tentar esse encontro e completar a acção escolar numa outra relação social, como para trazer à escola problemas mais vastos que também a tocam.

Um outro aspecto ainda vale talvez a pena registar: muitas das interrogações e dos problemas que as escolas de hoje têm de enfrentar só podem encontrar resposta a nível extra-escolar, nos recursos diversos dos meios sociais correspondentes. Para ajudar a resolver muitas das situações pessoais ou familiares dos alunos ou de pessoal escolar, que directamente atingem a vida na escola, para desenvolver ou dar continuidade e estabilidade a iniciativas sociais de base escolar, para estabelecer a ligação entre a escola e os serviços de assistência pública ou particular, o Serv. Sec. geral ou especializado, os serviços-médico-sociais ou comunitários, etc., serviços cuja intervenção, nalguns casos, é essencial para criar condições favoráveis à vida escolar, o assistente social é pessoa qualificada.

3. Um terceiro aspecto da relação entre a escola e o Serviço Social é-nos dado quando a consideramos como um meio humano.

A escola moderna, em qualquer nível que a consideremos, e em consequência por um lado das características que já apontei, por outro da transformação das relações didácticas e dos métodos pedagógicos que utiliza, é teatro de um volume maior e mais denso de relações pessoais e funcionais. E, neste sentido, tende a considerar-se como uma comunidade educativa que se exprime num conjunto de relações intersubjectivas e profissionais, relações que se procura sejam em si mesmas meio de formação.

Aqui penso ser necessário tomar novas dimensões. A escola como comunidade não vai referir-se só aos alunos nem basear-se apenas em relações pedagógicas. Como comunidade, como meio huma-

no, alarga-se a todo um conjunto de pessoas que nela desempenham diferentes funções e tarefas; supõe o director e o contínuo, o professor e o escriturário. E, para serem equilibradas e justas as relações entre os diversos membros supõe-se uma estrutura orgânica adequada e requere-se um diálogo entre vários interlocutores.

Como meio organizado de vida a escola apoia-se numa supra-estrutura e numa infra-estrutura, se assim pode dizer-se, num quadro estável de funções hierarquizadas e referenciadas, e é assim, que o aluno pode integrar-se nela e encontrar a segurança que a ordem lhe garante.

Mas, para que esta ordem seja justa e funcione harmonicamente é preciso que sejam adaptados os estatutos e meios de cum-prim-los, sejam adultas, estejam bem adaptadas às suas funções e se compreendam mutuamente as pessoas que ocupam os diferentes lugares. E ainda se relacionem equilibradamente com os alunos.

Só um quadro escolar evoluído e em paz consigo, unido numa intenção assumida em conjunto, pode garantir um clima eficazmente educativo e capaz de permitir ao aluno uma experiência social positiva.

Cada vez mais se considera que o valor da formação escolar não deve avaliar-se tanto pelo progresso do aluno no conhecimento como pela sua capacidade de adaptação à e na experiência total que está a viver e esta adaptação é tanto mais importante quanto nela está, muitas vezes, a génese - e sempre uma possibilidade de evolução ou de regresso por traumatismo - de padrões mais ou menos adequados de ajustamento às novas experiências da vida futura.

Porém, para que a vida comunitária vá na alegria e na paz favorecendo uma boa adaptação do aluno não bastam estruturas certas. É preciso o diálogo aberto, a todos os níveis, o diálogo profissional e o diálogo pedagógico.

O encontro está na base de toda a vida social e é indispensável numa escola onde se pretende proporcionar uma aprendizagem para a existência comunitária através de uma participação pessoal experienciada; o encontro entre o corpo docente, os serviços téc-

nicos, administrativos e o pessoal comum, entre a escola e as entidades que directamente influenciam, entre o quadro escolar e os alunos. O encontro num diálogo que supõe a autoridade, a aceitação objectiva e subjectiva da diversidade das competências e situações, o reconhecimento das pessoas como interlocutoras, o mesmo é dizer que respeita o real e dá direito a cada um de se exprimir livremente sobre ele, sem quebra, entretanto, dos direitos do bem comum e das exigências dum programa escolar.

Ora, esta vida de relação e diálogo é difícil. O equilíbrio ou desequilíbrio das mútuas relações, a aceitação da realidade objectiva, a maior ou menor capacidade de expressão livre, estão condicionadas, em parte pela própria organização interna da vida escolar, em parte pelas experiências extra-escolares e pela personalidade das várias pessoas em presença. E ainda pelo volume da população e dos quadros escolares.

O assistente social pode ser chamado a contribuir para o equilíbrio destas relações, no seu conjunto ou no caso particular, sempre que eles tenham entrado em tensão ou desajustamento, ou pode ocupar-se habitualmente de valorizar as potencialidades nelas contidas.

A função normal do assistente social é o acerto das relações psico-sociais entre os indivíduos e o seu meio restrito ou mais vasto. A escola constitui em si mesma um meio social e é, portanto, na sua realidade própria, campo aberto ao exercício da actividade profissional dos assistentes sociais naquilo que ela tem de mais típico.

Vale talvez a pena acrescentar aqui ainda que o assistente social, pode, sobretudo nos casos de estabelecimentos com grande frequência e complicada organização, ser um elemento de grande importância para a informação dos responsáveis sobre a realidade social da escola, pela clarificação e pela denúncia das necessidades comunitárias, pela descoberta e comunicação das aspirações da população escolar considerado por grupos ou no seu conjunto.



E pode também intervir para ajudar os alunos ou os profissionais a abrirem-se para o diálogo trabalhando com eles, individualmente ou em grupo, em diversos tipos de actividades ou iniciativas que contribuam para um progresso de vida comunitária ou sejam vividas em dimensão grupal.

Gostava de frisar que considero este aspecto da vida escolar da maior importância. Se a escola é, hoje menos do que nunca, só um lugar - onde - se - aprende, o tempo da escolaridade tende cada vez mais a ser encarado, não sobretudo como uma fase de preparação para a vida a vir, mas como um tempo onde, como nos outros, se faz uma experiência de vida que vale por si mesma. A vida não se prepara, vive-se, também na escola. Daqui que seja necessário tornar a experiência escolar fecunda e real na sua própria existência. E isto em qualquer nível de ensino que se considere.

4. Para reflectir sobre o quarto ponto pode talvez partir-se da posição de um assistente social no quadro escolar nos aspectos que directamente se referem à situação de aluno. Podemos entendê-la, na generalidade, como sendo a de alguém cuja função consiste em oferecer uma ajuda típica ao aluno, à sua família ou aos professores em problemas que se centrem na experiência escolar e na adaptação ou não adaptação do educando a ela.

Daqui se infere que se o ponto de partida é, normalmente, uma dificuldade do aluno, a actuação a exercer pode ser, entretanto, diversamente centrada.

Convém talvez distinguir que as dificuldades do aluno serão, regra geral, de duas ordens : dificuldades na linha do apren- dizagem, dificuldades de comportamento e podem radicar-se no próprio aluno ou no meio escolar. As causas das dificuldades podem ser também de ordem diversa, física, emocional, cultural, social, escolar. Assim temos, por exemplo, os casos das crianças com deficiência de visão ou de audição, das crianças subalimentadas ou pouco desenvolvidas física- mente; das crianças excessivamente tímidas ou agressivas, mentiro- sas ou tristes, dos adolescentes com tendência ao furto, à fuga e à vagabundagem, dos insociáveis, dos filhos traumatizados por famílias

desunidas ou pais excessivamente autoritários; dos estudantes brusca- mente transferidos de meio e isolados em regiões ou cidades com hábi- tos culturais diferentes dos que viviam anteriormente, dos alunos oriundos de meios sociais de manifesta incultura que encontram particu- lares dificuldades de contacto e inserção nas exigências dos programas escolares; e, ainda, toda uma série de situações difíceis para os alu- nos que resultam, por exemplo, da deficiência das instalações escola- res, de distância entre o domicílio e a escola, de programas irrealis- mos ou excessivos.

O que interessa ao assistente social e constitui pon- to de partida para a sua actuação é, sobretudo, o aluno na situação escolar, ou, na outra perspectiva, a situação escolar como uma situa- ção a ser vivida por alunos. A sua actuação pode ser muito diversifi- cada mas encaminhar-se-á, geralmente, para introduzir alterações na ati- tude do aluno, do professor ou outro membro de comunidade escolar ou no condicionalismo da escola. Mas, dado que as atitudes e dificuldades pessoais do aluno estão muito ligadas a relações e condicionamentos ex- tra-escolares, o assistente social terá muitas vezes que alargar a sua acção à família ou mesmo a outras forças vivas do meio onde o aluno se integra. O tipo de intervenção será, na generalidade dos casos, psico-so- cial, embora tenda a aproximar-se mais de uma actuação marcadamente ps- cológica nuns e de uma quase exclusiva mobilização de recursos sociais noutros.

O que mais importaria, talvez, acentuar aqui era a diversidade de problemas pessoais, familiares e sociais possíveis de encontrar ao nível escolar e as diferentes formas que estes problemas tomam nas idades correspondentes aos diversos graus e tipos de ensino. Se os problemas de ordem psicológica, variando embora com a idade, man- têm uma certa unidade e requerem um tipo próximo de intervenção, os pro- blemas de ordem social variam numa escala que vai da quase inexistên- cia de problema ao nível de escola primária - uma vez que aqui quase todo o problema deste tipo reveste uma feição familiar e só pode resol- ver-se nesse âmbito - até à total incidência da situação social na vi- da escolar, como é, por exemplo, o caso de muitos alunos dos cursos noc- turnos das escolas técnicas ou de estudantes com família constituída.

Em toda esta gama de situações-problema o assistente social escolar pode ter um papel fundamental a desempenhar, o papel

que cumprirá em duas posições básicas: ocupando-se de ajudar directamente os interessados e dirigindo-se imediatamente quer ao problema em presença, quer às suas causas mais ou menos remotas; estabelecendo a ligação entre a pessoa em dificuldades e os organismos ou instituições oficiais ou particulares, capazes de responder ao tipo de dificuldade considerada.

Em todas as hipóteses, porém, o assistente social escolar aparece, nesta perspectiva talvez mais do que em nenhuma outra, como um colaborador directo do professor, que tenta destruir os obstáculos que se opõem ao bom rendimento escolar.

Olhar agora o Serviço Social escolar como um tipo particular de Serviço Social equivale a considerar o meio escolar como um sector normal de actuação do Serviço Social e tentar compreender o valor da escola, e da organização escolar no seu conjunto, deste ponto de vista.

Sobre este aspecto gostaria de apontar apenas três questões:

- 1 - a importância do meio escolar para um Serviço Social que se cumpre,
- 2 - as diferentes modalidades de inserção do Serviço Social na vida escolar,
- 3 - a situação portuguesa nesta matéria.

1 - A importância do meio escolar para o Serviço Social é evidente sobretudo a três títulos: pelo tipo da população que integra, pela "normalidade" da situação escolar e pela extensão de indivíduos e famílias que através da escola e das instituições a ela ligadas podem ser atingidas.

Afirmar o valor de qualquer trabalho social junto das camadas jovens é desnecessário e lugar comum. No entanto gostava de notar que um Serviço Social, adequada e tecnicamente competente contém em si mesmo uma potencialidade educativa e um poder de prevenção e recuperação que podem pressentir-se em tudo o que fica dito atrás

e que o torna uma das formas de actuação social mais capazes de promover o processo de sociabilização dos jovens. E parece-me um processo tanto mais válido quanto supõe um mínimo de condições materiais ou de organização e um máximo de participação e de esforço pessoal dos próprios interessados.

A escola, sem dúvida, não constitui o único ponto de apoio para atingir a população jovem e um Serviço Social que quisesse encontrá-la só aí traía-se e errava. No entanto a escola é um sector imensamente rico de potencialidades para o exercício dos métodos próprios do Serviço Social, uma vez que contém em si muitas zonas de vida que facilmente se podem constituir em risco, em problema ou em ponto de partida para um progresso, ao nível dos alunos enquanto pessoas ou em grupo. Por outro lado, sendo um meio natural, bem definido e limitado, facilita enormemente o trabalho do assistente social que encontra num âmbito relativamente restrito muitos dos elementos estruturais em que precisa de apoiar-se para actuar profissionalmente.

Doutro ponto de vista a escola será normalmente um meio são em si mesmo e onde a maior parte dos alunos não serão, possivelmente, vítimas de situações sociais patológicas. Ao menos a frequência escolar não é em si mesma uma situação patológica. E, por isso, o Serviço Social poderá orientar-se para uma situação essencialmente educativa e preventiva, entrando no domínio do desenvolvimento das potencialidades mais do que no da cura de desequilíbrios. E tenderá assim a alargar-se em actividades construtivas e prospectivas mais do que em formas de actuar paliativas e recuperadoras. E isto representa um valor social grande.

Ainda, a escola aparece como um ponto de partida ideal para a ajuda às famílias numa das suas funções sociais maiores - a obra de educação.

Apoiando-se na escola, o assistente social poderá atingir facilmente e dentro do plano do real, a família no seu conjunto e os pais, enquanto educadores, em particular.

A ligação entre a escola e a família é essencial para a educação e o assistente social pode garanti-la no âmbito da sua

ação, de forma fecunda e normalmente fácil de aceitar. A preparação dos pais - ou mesmo a sua recuperação - para obra de educação é um problema social bastante generalizado e grave. O assistente social está, por competência, colocado numa situação em que dispõe de meios adequados para poder actuar neste aspecto.

Por tudo isto me parece ser o Serviço Social escolar uma das modalidades do Serviço Social que pode revelar-se mais válida e produtiva. As experiências neste campo não são, talvez, as mais extensas mas são suficientes para afirmar este sector de trabalho como fundamental. Assim, creio poder afirmar que a escola aparece como um dos primeiros campos de ação a ter em conta quando se faz uma planificação nacional ou regional de Serviço Social. Se antes de quaisquer outras uma rede de Serviço Social deve tender a cobrir as situações normais e gerais, salvos os casos de urgência ou particularmente recomendados, a escola constitui, com a família, a comunidade de vizinhança e o meio de trabalho, um dos sectores de primeiro plano. Um Serviço Social que se cumpre, ao nível dum país ou de uma região, não pode ignorá-lo.

2 - Quanto às diferentes modalidades de inserção do Serviço Social na vida escolar apontarei apenas quatro, não por serem as únicas mas por me parecerem ser as mais generalizadas e as mais susceptíveis de realizar entre nós.

Uma primeira modalidade dá-nos um estabelecimento de ensino com um Serviço Social próprio, ou, ao menos, com um assistente social no seu quadro de pessoal, assistente social que pode desempenhar funções diversas.

Creio ser esta uma das modalidades mais válidas, sobretudo quando a escola atinge dimensões suficientes para o justificar e dispõe de um mínimo de recursos financeiros. Em todo o caso não creio ser uma fórmula sempre possível, dado o número das escolas existentes e a sua situação concreta.

Uma outra modalidade insere o Serviço Social nos departamentos públicos relacionados com a vida escolar, ou em associações particulares de escolas. Os assistentes sociais são funcionários públicos, ou comuns a mais de um estabelecimento, que se ocupam

de certos aspectos parcelares da vida escolar num número maior ou menor de escolas, ou que procuram efectuar o Serviço Social escolar nas escolas duma dada área geográfica. Esta forma é sem dúvida adequada para a solução de certos problemas parcelares, como sejam os da criança com dificuldades especiais de comportamento, por exemplo, ou para avaliação do direito de alguns alunos ou famílias a prestações assistenciais diversas, mas resulta insuficiente para uma actuação mais extensa.

A terceira modalidade coloca o assistente social em movimentos familiares ou associações diversas, de pais ou de famílias. Neste caso alguns aspectos do Serviço Social Escolar aparecem normalmente como um tipo de prestação de Serviço Social geral, entre outros que ocupam o assistente. No entanto as possibilidades são muitas e o facto do ponto de partida ser a família dá ao Serviço Social características especiais que lhe abrem novas portas de entrada no problema escolar e lhe facilitam alguns tipos de actuação.

Uma última hipótese cria o Serviço Social a partir de associações de pais e escola. De novo é uma forma que creio fecunda e limitada.

O que me parece mais importante não é tanto criticar qualquer destas formas mas apontar soluções possíveis. De resto, o valor relativo de cada uma só pode ser encontrado no concreto das situações e implica critérios de juízo que só podem ter-se em face de dados reais.

3 - O último aspecto que queria tocar era a situação portuguesa nesta matéria. Que eu saiba não temos nenhuma experiência suficientemente vasta e estável para podermos falar num Serviço Social Escolar em Portugal. Mercê de circunstâncias várias o Serviço Social português não pôde ainda voltar-se para o campo escolar e todas as tentativas já feitas neste sector, válidas como experiências que são, não se revelam ainda representativas. No entanto a necessidade do Serviço Social Escolar é já muitas vezes reconhecida, alguns esforços estão a ser feitos, a partir de entidades públicas e particulares, sobretudo ao nível de escolas para crianças deficientes ou difíceis e creio poder

mos esperar uma evolução no sentido do desenvolvimento desta forma de actuação social.

No momento em que se tenta um esforço maior para desenvolver uma política de educação e encontrar estruturas mais adequadas de ensino, o Serviço Social tem de certo uma função a cumprir, quer na preparação das populações quer na valorização e no prolongamento da acção educativa da escola.

----oOo----



CATÓLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR  
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

AJUSTAMENTO ESCOLAR E TRABALHO DE GRUPO  
=====

As. Soc. Maria Nascioliã Coes

1 - Valor da experiência escolar

Se é certo que a escolaridade corresponde a um longo período da infância e da juventude do indivíduo em que, de um modo essencial, as suas actividades estão centradas na aquisição de conhecimentos que lhe hão-de possibilitar exercer um ofício, realizar uma profissão, assumir, enfim, de uma forma autónoma, a sua própria existência, é certo também que a experiência escolar representa para o indivíduo mais do que essa aquisição de conhecimentos.

Ela será a manifestação da sua capacidade de adaptação a um novo meio com características e organizações especiais, a prova das suas possibilidades de êxito na aprendizagem de conhecimentos, a expressão da sua capacidade de estabelecer relações adequadas com companheiros e professores.

Ainda que todos estes aspectos não surjam imediatamente claros para os alunos, as experiências são, na realidade, vividas e o seu sinal positivo ou negativo repercute-se em experiências ulteriores e mesmo em situações diferentes.

A experiência escolar é vivida pelos indivíduos de modos diversos e vários factores parecem influir na maior ou menor adaptação do indivíduo a essa situação.

2 - Factores que influem no ajustamento

Normalmente, fala-se nesta adaptação em termos de "bons" ou "maus" alunos dando-se, portanto, maior atenção aos resultados e ao rendimento escolar do que à maneira como são obtidos e às condições que favorecem ou comprometem esse mesmo rendimento.

As capacidades intelectuais, o estado de saúde do aluno, a sua maturidade afectiva e, ainda, a sua situação familiar parecem ser factores importantes a considerar quando se pretende compreender



der e avaliar o ajustamento do aluno na Escola.

Os aspectos encarados dizem respeito, portanto, às características pessoais do aluno.

Estudos realizados na América, nos últimos anos, alertaram para a importância da interação entre estas características e as condições escolares como causa de comportamentos desajustados (1).

A organização da Escola, os sistemas de disciplina aplicados, o tipo de relação estabelecida com os pais para informação do rendimento dos filhos, as perspectivas dos professores surgem, assim, como factores influentes no comportamento do aluno e nos seus êxitos escolares.

Considerando cada um dos pontos da relação, características dos alunos, condições da Escola, verifica-se que existem alunos com recursos intelectuais suficientes para alcançar bons resultados e que, no entanto, não o conseguem.

Esta falta de êxito pode estar, então, relacionada com a posição do indivíduo como membro do grupo escolar. A relação estabelecida com os outros companheiros pode dificultar o seu sucesso.

As relações familiares e a visão que os pais têm dos próprios filhos, influem também no comportamento do aluno na Escola. A exigência constante de êxito feita por certos pais, pode tornar o aluno receoso perante qualquer responsabilidade escolar, por temer, fortemente, o fracasso.

Alunos com deficientes condições de saúde apresentam, muitas vezes, dificuldades de adaptação que se repercutem, normalmente, em mau aproveitamento.

(1) Experiência relatada na revista Social Work de Janeiro 1965, Pg.3 - (Investigação realizada em cinco escolas do Estado de Michigan) .

No que diz respeito às condições escolares há a considerar o problema das sanções. São aplicadas aos alunos para refrear ou evitar continuadas situações de fracasso. Repetição exaustiva de trabalhos mal realizados, mudanças de lugares dentro das classes, classificações negativas são meios utilizados nesse sentido.

Estas sanções, relacionadas directamente com o aproveitamento escolar, influem na aceitação do aluno dentro da Escola, concretamente, na estima e prestígio que companheiros e professores lhe concedem e podem ainda ser motivo de má aceitação da parte dos pais.

Todo este conjunto de relações (uma sanção escolar tem um triplo efeito) pode dificultar ao aluno o aproveitamento de novas oportunidades numa linha de progresso.

Certos alunos, pelos seus comportamentos desajustados dentro da Escola, ganham uma reputação que, devido aos sistemas de comunicação existentes, quer formais quer informais, rapidamente se torna conhecida. Difícil se torna para professores e restante pessoal da Escola não identificar, imediatamente, tal aluno com o comportamento já vivido.

Estudos feitos em França demonstram que, muitas vezes, tais comportamentos resultam de situações familiares deficientes no campo das relações, o que dificulta ao aluno fazer uma adaptação social no novo grupo (2).

Conduitas com características de desajustamento são transmitidas aos pais, segundo a organização de cada Escola. Se aceitamos que a desadaptação está relacionada com o clima familiar, parece que uma actuação limitada a informação negativa não resulta no sentido de melhoria.

Os professores podem classificar os alunos como estudantes interessados em aprender e estudantes desinteressados tendo como critério de classificação, unicamente o sucesso e o fracasso. As in-

(2) Na obra "L'Inadaptation Scolaire et Sociale et ses remèdes" Ed. Brurreché, Paris - 1959.

investigações estrangeiras feitas sobre problemas de ajustamento escolar têm também demonstrado que pode existir um alto nível de interesse e não existirem da parte do aluno, meios e capacidades para satisfazer a sua necessidade de aprendizagem.

O conhecimento que os alunos, porventura, possam ter dessa perspectiva dos professores contribuiu ainda para o pessimismo e frustração que se encontram entre estudantes com desajustamentos.

Alunos com comportamentos que perturbam o clima de disciplina da classe são muitas vezes encarados como alunos que pretendem desafiar a autoridade do professor. De um modo geral, nesta hipótese, os professores estão mais centrados no problema do que em tentar perceber porque o aluno tem aquele comportamento, quais as suas capacidades para estabelecer relações sociais.

### 3 - Serviço Social Escolar como resposta aos problemas de ajustamento

Países em que todos estes problemas de adaptação têm sido considerados importantes, têm tentado resolvê-los através da existência, na Escola ou fora dela, de uma rede de Serviços que respondam às diferentes necessidades dos alunos nos diferentes níveis a que surgem.

Assim aparecem os Serviços de Saúde, de Psicologia, de Psiquiatria, de Orientação Profissional, de Serviço Social.

Considerando especificamente a actuação do Serviço Social verifica-se que a sua inserção nas Escolas se justificou com a finalidade de ajudar a criança que, manifestando problemas de ordem social e emocional, tinha dificuldades no seu ajustamento escolar.

Os primeiros trabalhadores sociais que exerceram a sua função de Serviço Social nas Escolas (na América em 1906-1907) surgiram com um papel de ligação Escola-Família através de visitas domiciliárias.

Mais tarde assistiu-se a uma actuação de "case-work" centrada, agora, no trabalho directo com as crianças e seus pais.

Existia ainda um trabalho de colaboração com os professores no sentido de os ajudar a compreender o significado do comportamento do aluno. Esta compreensão era então utilizada pelo próprio professor para desenvolver a eficácia da sua função específica de ensino (3).

### 4 - Ajustamento escolar e papel do trabalhador social

Se aceitamos a afirmação feita anteriormente de que os problemas de desajustamento escolar resultam da relação entre características dos alunos e condições da Escola, surge como imperativo para a actividade do trabalhador social centrar a sua intervenção nesses dois polos.

Mais concretamente, considerando todos os elementos enunciados, parece que o papel do trabalhador social, integrado no pessoal da própria Escola, se poderá localizar no trabalho directo com os alunos, com as suas famílias, no trabalho de colaboração com professores e outro pessoal da Escola.

A actuação terá que ser simultânea, dado que a causa do desajustamento é resultante de uma interacção. Só poderá ser eliminada ou diminuída se ambos os polos forem encarados simultaneamente.

Durante muito tempo todo o trabalho realizado pelos trabalhadores sociais se processou a nível individual.

Assiste-se, actualmente, a uma tendência para introduzir o trabalho de grupo como um meio para alcançar resultados mais eficientes na resolução de problemas de desajustamento.

-----  
(3) The Field of Social Work, Cap. 12.

## 5 - Valor e significado do trabalho de grupo

O trabalho de grupo é um método de trabalho que utiliza os fenómenos de grupo para atingir fins determinados.

O campo de acção mais favorável é o grupo restrito, aquele em que os membros podem estabelecer relações psicológicas directas com uma certa estabilidade.

Vários profissionais trabalham com grupos, utilizando técnicas diversas segundo as finalidades a atingir.

Em Serviço Social de Grupo o trabalho está centrado na pessoa. Procura-se o seu desenvolvimento e procura-se, também, o crescimento do grupo e o seu progresso tendo em vista a realização de objectivos socialmente aceitáveis.

Assim, as actividades que os membros do grupo realizam não são um fim em si mesmas, mas um meio utilizado para alcançar os objectivos apontados.

De acordo com os interesses e necessidades dos membros surgem as actividades, tendo o trabalhador social sempre em conta que elas são o meio pelo qual se processa a interacção no grupo através da sua discussão, escolha e sua execução.

O papel do trabalhador social aparece, pois, como o da pessoa que guia essa interacção, pessoa que ajuda, pessoa cuja intervenção permite aos outros tornarem-se capazes de fazer certas coisas.

A sua participação terá maior ou menor intensidade segundo o estágio de desenvolvimento do grupo. Poderá começar por fazer uma ajuda muito directa, exercendo mesmo certas funções, para passar depois a uma fase de sugestões e até, em estados mais adiantados, a uma só de consulta.

Esta experiência de grupo, realizada com a ajuda do trabalhador social, permite aos membros do grupo desenvolver as suas aptidões, tomar decisões e assumir responsabilidades. Esta experiência é vivida por cada indivíduo segundo as suas necessidades e os seus in-

teresses e em função dos sistemas de conduta que assumiu em experiências anteriores.

O trabalho de grupo pode ainda ser concretizado em reuniões de discussão de problemas, em que se pretende que todos os membros participem activamente, dando a sua opinião, apresentando as suas experiências e tomando decisões quanto a uma actuação futura no sentido da solução do problema.

O papel do orientador de grupo está, então, centrado em tornar activa a participação de todos os membros. Utiliza para isso uma técnica específica de orientação da reunião que se concretiza pela maneira como apresenta e leva a apresentar os problemas para discussão, como dirige perguntas aos membros do grupo no sentido de tornar claras todas as opiniões, como os ajuda a ouvir as comunicações verbais de cada um e a responder de uma forma disciplinada, uma vez que todos têm direito a participar, como ajuda ainda a encontrar a solução mais aceitável e a pô-la em execução.

## 6 - Ajustamento escolar e trabalho de grupo

### 6.1 - Trabalho com alunos

No trabalho directo com os alunos, parece que a existência de pequenos grupos constituídos por alunos que manifestem sintomas de desadaptação e orientados por trabalhadores sociais, pode resultar no sentido da mobilização do desejo do próprio aluno modificar a sua situação e conseguir alcançar resultados e condutas mais aceitáveis.

A experiência de grupo, devidamente orientada, pode ajudar o aluno: a compreender os objectivos escolares e a encontrar maneiras adequadas de os realizar; a modificar a imagem de pouca confiança que tem de si mesmo; a compreender os meios que lhe são oferecidos pela Escola para conseguir uma situação de sucesso; a desenvolver aptidões académicas tais como hábitos de estudo, divisão adequada do tempo, etc.

O trabalho de grupo pode estar centrado na discussão

dos próprios problemas de desadaptação ou em actividades que tenham valor em si mesmas no sentido de maior ajustamento social.

Conforme a idade dos membros do grupo, assim a discussão se torna mais ou menos possível. A nível primário, o trabalho deverá estar centrado em actividades que possam responder às necessidades das crianças. Será a experiência positiva de vida num grupo restrito que influirá na adaptação da criança ao grupo escolar.

Se se trata de um grupo de estudantes com possibilidades já de discutir, o relato dos incidentes e das dificuldades experimentadas constitui o ponto de partida para o trabalho. Em conjunto, tentam entender a situação, perceber quais as causas e encontrar maneiras de dar respostas mais adequadas.

Um aspecto importante que pode resultar do trabalho de grupo diz respeito às relações que alunos desajustados normalmente estabelecem com os colegas. Nota-se uma tendência para se ligarem com os que apresentam, também, desvios de comportamento. Estas forças de suporte podem agora ser canalizadas, através do trabalho de grupo, para uma acção constructiva, para uma modificação desejável.

Considerando a pouca confiança que alguns alunos têm em si mesmos, o grupo pode dar-lhes oportunidades de sucesso juntamente com o encorajamento e suporte dado pelos outros membros.

Algumas aptidões podem também ser desenvolvidas através de actividades várias.

Há que ter em conta que é condição essencial para que o trabalho de grupo resulte que o aluno possa encontrar, na Escola, outras oportunidades de realização na classe, noutras actividades escolares que porventura possam existir.

A experiência social que o aluno faz a nível de grupo restrito pode ajudá-lo a criar ou desenvolver capacidades de relações adequadas e, assim, a crescer afectivamente.

Em casos de alunos de nível intelectual médio, bloqueados por factores de ordem social e afectiva, o trabalho de grupo ofe-

rece uma possibilidade desses obstáculos serem, mais ou menos, removidos e de as faculdades existentes serem exercidas com maior ou menor êxito.

## 6.2 - Trabalho com famílias

Na actuação do trabalho social junto da família dos alunos reuniões de pais parecem ser um meio bastante frutuoso para se alcançar, ainda, o ajustamento dos estudantes.

Como se afirmou, há determinadas atitudes familiares que dificultam a adaptação do indivíduo à Escola, ou porque não proporcionavam o devido desenvolvimento ou porque influenciam, constantemente, a posição do aluno perante as responsabilidades que tem agora que assumir pela sua integração num novo grupo.

A discussão, devidamente orientada, sobre as dificuldades que os filhos estão a viver, podem resultar num sentido de informação para o trabalhador social e num outro de ajuda para os próprios pais. O trabalhador social entende qual a posição que estes têm em relação aos seus filhos, à sua situação escolar. Os pais são ajudados a compreender quais as causas dos comportamentos dos seus filhos, qual a margem de responsabilidade que têm nessas mesmas dificuldades e ajudados a encontrar, também, atitudes que completem a acção que está a ser realizada na Escola pelos vários profissionais.

## 6.3 - Trabalho com professores

No trabalho de colaboração com professores surge também como útil a técnica de grupo.

Os professores estão integrados numa mesma estrutura, sujeitos a um mesmo sistema de atitudes. Há experiências de vida dentro da Escola que estão intimamente relacionadas com as condições escolares.

Dificuldades, problemas que surgem das relações dos professores com os alunos são dificuldades, problemas que são vividos

por todos ainda que com maior ou menor intensidade. Comportamentos desajustados, fracassos escolares surgem em todas as classes, ainda que com maior ou menor frequência.

Parece então que a troca de experiências dos vários professores, através de um trabalho de grupo, poderá ser um meio para os ajudar a compreender os tipos de problemas que surgem, as suas causas, a sua própria relação com os alunos e a encontrar uma actuação que os ajude verdadeiramente.

Professor e trabalhador social são, então, profissionais com preparação diferente trabalhando num interesse comum - p ajustamento do aluno à sua situação escolar.

Mais concretamente, através do trabalho de grupo podem trocar-se as informações no sentido de se fazerem planos de ajuda aos alunos que apresentam dificuldades, pode tentar-se encontrar actuações diferentes das comumente utilizadas no contacto com certos alunos.

De uma maneira mais geral, o trabalho de grupo pode ter como finalidade uma compreensão das condições escolares, dos sistemas de disciplina utilizados, dos seus resultados, uma avaliação da política da própria Escola no sentido de a modificar se ela não proporciona meios favoráveis de ajustamento.

O trabalhador social actua, directamente, junto dos alunos e junto dos professores.

Há assim uma possibilidade de estabelecer um canal de informação aluno - trabalhador social - professor que tem muita importância neste trabalho de ajustamento.

O trabalhador social compreende quais as características do aluno, qual a sua situação familiar, entende o que representa para ele a experiência escolar. Possui também, agora, o conhecimento das percepções dos professores, dos climas das classes, das condições gerais da Escola. Pode assim avaliar as circunstâncias que contribuem para a situação problema do aluno.

No seu trabalho com os professores transmite os aspectos que considera de interesse no sentido de serem proporcionadas ao aluno, na classe, oportunidades de sucesso. As motivações de aprendizagem e comportamentos que normalmente não surgem no grupo escolar podem agora ser do seu conhecimento através da experiência do grupo restrito.

## 7 - Conclusão

De todas as afirmações feitas parece poder concluir -se que o trabalho de grupo é um meio que pode ser eficazmente utilizado na actuação dos trabalhadores sociais na Escola.

Surge como valor principal o aproveitamento das várias experiências e a mobilização dos recursos pessoais de todos, aluno, família, professor e trabalhador social, a mobilização dos recursos da Escola numa obra comum - o ajustamento do aluno.

-----oOo-----



CATOLICA

RESEARCH CENTRE FOR  
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA



Revista da U. C. I. S. S. (União Católica Internacional de Serviço Social):

SERVICE SOCIAL DANS LE MONDE

Publica, no último número (jan.1967) :

Editorial : Urbanização. Valores humanos e Serviço Social

No Congresso de Washington

- Valores humanos e desenvolvimento urbano - B.J.Coughlin
- Ecumenismo e desenvolvimento humano - Um desafio aos Trabalhadores Sociais - Imelda Chenard
- Congresso Internacional de Escolas de Serviço Social - R. A. P. Leaper

Vida da UCISS

Livros e Revistas

Redacção e Administração : 111, Rue de la Poste - Bruxelles 3

Preço da assinatura (4 números por ano) : 90\$00 (150 francos belgas),

UMA TENTATIVA DE SERVIÇO SOCIAL ESCOLAR

D. Maria Júlia Silva  
D. Maria Teresa Duran

As. Soc. Maria Palmira Duarte

Idealmente o Serviço Social Escolar no campo da acção directa deve inserir-se na própria escola ou conjunto de escolas por exemplo a nível de uma zona escolar.

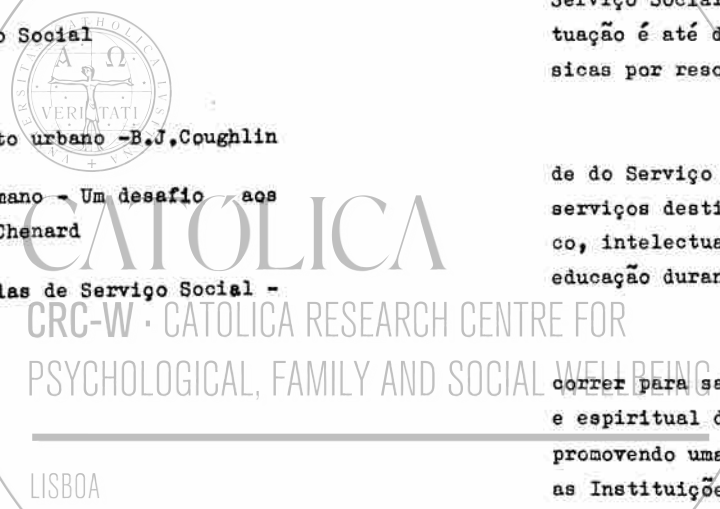
Porém, não estando o Serviço Social Escolar institucionalizado, a sua iniciação pode partir de qualquer instituição de Serviço Social que se dedique à Promoção Social das populações. Esta situação é até de aconselhar junto das populações com as necessidades básicas por resolver, tal como acontece na Experiência que vamos relatar.

Quer se insira de uma forma quer de outra, a finalidade do Serviço Social Escolar é de coordenar e estimular os esforços e serviços destinados a ajudarem a criança no seu desenvolvimento físico, intelectual, moral e religioso que presidam ou devam presidir na educação durante o tempo escolar.

O papel do Assistente Social será portanto o de concorrer para salvaguardar e melhorar a saúde moral, física, intelectual e espiritual das crianças, facilitando a adaptação destas à Escola e promovendo uma ligação entre a Escola e a Família e entre a Escola e as Instituições.

Considerando a função e a responsabilidade do Serviço Social do sector escolar e considerando a gravidade dos problemas humanos e sociais das crianças em idade escolar de uma Freguesia de 25 mil habitantes da cidade de Lisboa, com uma população escolar de cerca de 900 crianças, vem-se a realizar nessa freguesia desde o ano lectivo 1963-64, uma das primeiras experiências de Serviço Social Escolar em Portugal.(1)

Foi lançada pelo Centro Social do Beato, que dispõe de uma equipe de Técnicos de Serviço Social, a promover junto das crianças em idade escolar que frequentam as Escolas Primárias Oficiais e Particulares da área territorial abrangida por esta instituição.



Toda e qualquer experiência em Serviço Social tem de atravessar várias fases e a primeira é sempre o Estudo do meio no qual se vai realizar a experiência. Este estudo deverá ser acompanhado de uma actuação simultânea junto da população tendo em vista despertá-la para os objectivos que se pretendem atingir.

A experiência de Serviço Social Escolar do Centro Social do Beato foi orientada por uma preocupação fundamental: obter a colaboração dos professores e conhecer o aspecto da Problemática Social da Escola que mais os preocupava.

Iniciou-se, pois, por meio de contactos quer individuais quer em reuniões, com os Directores, Professores e Médicos das Escolas. Apresentaram estes como problemas a serem encarados:

- A falta de Aproveitamento Escolar das Crianças,
- O desinteresse das Famílias pela Vida Escolar
- Aspectos de Alimentação, Saúde e Higiene
- Frequência nas mesmas classes de crianças normais e crianças com deficiências mentais
- As crianças que depois das aulas ficam pelas ruas sem qualquer protecção.

As trabalhadoras sociais, depois de concedida a devida autorização ministerial, permaneceram nas Escolas, de modo a percorrerem as várias horas de vida escolar (recreio, aulas, horas das refeições) para uma observação e contactos com as crianças que lhes permitissem a compreensão directa dos vários problemas apontados pelos Professores.

Na posse destes dados, fornecidos pelos Professores e pela observação das crianças, acrescidos de outros já recolhidos pelo Centro Social do Beato acerca da população que iria ser abrangida pela experiência, resolveu-se fazer um Trabalho de Investigação que permitisse aprofundar cientificamente as pistas iniciais.

Assim elaboraram-se três tipos de Inquéritos:

- Um dirigido às crianças;
- Outro às respectivas Famílias;
- E um terceiro aos Professores.

Tirou-se uma Amostra Representativa da População das sete Escolas da área (Oficiais e Particulares). Foram inquiridas 334 crianças, 50% do total da População escolar e as respectivas famílias. Os Professores foram inquiridos na totalidade.

Lançaram-se estes Inquéritos, através de Entrevistas Dirigidas.

As crianças foram entrevistadas na Escola; as Famílias em visitas domiciliárias e os Professores nas Escolas, durante os recreios das crianças.

Seguiu-se a fase de Apuramento dos Inquéritos que permitiu formular algumas conclusões:

A - Foi evidente o desejo de ligação Escola-Família, tanto pela parte dos Professores como das Famílias. Há no entanto um desconhecimento do processo que permita levar a efeito esta ligação.

B - Outro aspecto é o que diz respeito ao problema alimentar das crianças quer em casa quer na Cantina Escolar.

A dieta que estas crianças têm é deficiente qualitativa e proporcionalmente por excesso de Hidratos de Carbono, por carência muito acentuada de Proteínas principalmente animais e ainda pela insuficiência de vitaminas e sais minerais.

Esta realidade detectada nas crianças das Escolas da Freguesia do Beato, foi igualmente verificada através de um Estudo de Investigação Alimentar, feito no Bairro de Santa Maria de Lisboa no mesmo ano, às crianças, em idade escolar que frequentavam a Cantina.

"96,4% das crianças estudadas têm os "aportes" calóricos necessários provenientes exclusivamente dos Hidratos de Carbono".

"96,4% das crianças não alcançam o nível Proteico conveniente".

"95,4% das crianças apresentam uma proporção deficiente no que respeita aos Lípidos". (2)

Parece ser possível generalizar que grande parte das crianças em Idade Escolar, apesar de frequentarem a Cantina não encontram aí uma Dieta que corrija todos os erros de Alimentação que têm em casa mas pelo contrário labora nos mesmos erros.

C - Um terceiro aspecto de ter em conta é aquele que diz respeito à Saúde e Higiene destas crianças.

Não há a assinalar graves doenças, mas em grande parte destas crianças o seu desenvolvimento físico e intelectual processa-se abaixo da curva da normalidade. Foi possível estabelecer uma relação entre os aspectos Saúde e Higiene e o da Alimentação já atrás citado.

Também as condições sanitárias destas crianças quer em suas casas (principalmente crianças do "Bairro da Lata") quer nas Escolas que frequentam, com excepção de duas Officiais, são deficientes :

- Em número de salas (ex: quatro classes que funcionam numa só sala)
- Iluminação
- Arejamento
- Espaços livres para os recreios.

D - Os Tempos Livres das crianças foram igualmente encarados neste Inquérito. Consideramos dois aspectos do Estudo:

1ª. - Tempos Livres das Crianças em Férias:

Reconheceu-se que a Economia Familiar não permite a estas crianças uma ida regular para a praia ou para qualquer outro local que lhes proporcione uma mudança de ares.

A nível institucional os Serviços não estão coordenados de modo a abrangerem grande número de crianças para frequentarem Colónias de Férias.

Há, ainda a considerar que estas crianças ficando no mesmo ambiente e sem aulas, sofrem um processo deseducativo pois não têm quer na Família, quer em Instituições da área as suas Férias organizadas.

2ª. - Tempos Livres das Crianças depois das Aulas:

Não há actividades que permitam quebrar o ritmo escolar valorizando estas crianças, como por exemplo, Educação Física, Jogos orientados, Visitas de Estudo, etc.

Apareceu ainda como desejo concreto dos Professores e Famílias das crianças a necessidade de organização de Salas de Estudo que dêem aos alunos o ambiente de estudo e recreio que em casa não encontram sobretudo aquelas que são de nível económico mais baixo.

Na posse das conclusões trazidas pelo Estudo passou-se a uma segunda fase da Actuação que permitisse satisfazer cada um dos aspectos enuncados a mais ou menos longo prazo.

A - Quanto à necessidade sentida de uma ligação Escola-Família, logo no ano lectivo de 63-64, procurou-se estabelecer a assim à medida que se iam fazendo as Entrevistas para o Inquérito, tentava-se não só conhecer as opiniões da População mas também despertá-la para este aspecto em vista a um trabalho futuro. Organizaram-se ainda reuniões de Pais de crianças que frequentavam as Salas de Estudo para se discutirem alguns assuntos relacionados com a Educação.

Durante o corrente ano de 64-65, continuaram-se as visitas domiciliárias a algumas Famílias inquiridas ou não para darem a conhecer a actuação e conclusões apuradas no ano anterior.

Com os Professores das Escolas têm-se continuado os contactos quer individualmente, quer em reuniões.

Têm-se vindo a efectuar Reuniões de Pais de crianças das Escolas.

B - O Problema Alimentar foi estudado a nível da Equipa de Técnicos no ano de 64-65 para se entrar em contacto com as Enti-



dades responsáveis pela organização das Cantinas em vista à melhoria das Refeições fornecidas pelas mesmas de modo a suprir as deficiências da Alimentação fornecida em casa.

Projecta-se também levar a efeito a educação familiar e doméstica de raparigas, noivas e jovens mães.

C - No campo de Saúde e Higiene que de certo modo vai além do âmbito do Serviço Social, e se integra num programa mais vasto de Educação Sanitária com a População da Freguesia do Beato, vai ser tentado através de uma experiência de Serviço Social de Comunidades iniciada em 1964-65, um Programa de Educação Sanitária com a População da Freguesia do Beato. Para tanto pertence já à Equipe de apoio a experiência uma enfermeira de saúde pública e projecta-se a entrada de outra para a equipe técnica.

1 - Para serem proporcionadas às crianças férias mais adequadas contactou-se no ano corrente com as Entidades que adentro da Freguesia do Beato, as podem proporcionar, desconhecendo-se ainda quais os resultados destas diligências.

Para as crianças que não saem da área o Centro Social pensa organizar Programas de Actividades para a ocupação deste tempo.

Procurar-se-á seguir as sugestões contidas nos estudos já referidos na parte que encara com mais profundidade este assunto :

"Durante o Tempo de Férias deverá o Centro apresentar um quadro permanente de Tempos Livres estando aberto todos os dias e considerando que as Actividades têm de ser adequadas às crianças, mas organizadas de forma diferente daquelas que se levam a efeito nas Colónias de Férias, pois as crianças continuam no seu ambiente. As actividades deverão ser variadas, organizadas ou livres, mas tendo em vista como objectivo um clima de liberdade", (3), semelhante ao das férias.

Preconiza ainda a aluna no referido Estudo que os

Monitores que orientariam estes grupos sejam jovens do meio.

2 - Durante o tempo de aulas o Problema de Tempos Livres das Crianças foi encarado a nível do Centro que continua com Actividades de Salas de Estudo e Tempos Livres, desde o início deste ano lectivo.

Procurou-se que ficassem a funcionar Salas de Estudo noutros locais da área mais acessíveis às crianças com os esforços e apoio da População estimulada pelos Técnicos de Serviço Social de Comunidade. Para tanto vai ser construído um barracão num dos bairros da Lata e estão a ser procurados possíveis locais disponíveis.

A Biblioteca e Discoteca do Centro foram também aumentadas e reorganizadas.

No Centro Social do Beato funcionam classes de Educação Física que abranjem uma minoria da População Escolar estando já em organização um plano de educação física com o apoio médico.

Como método específico de Serviço Social Escolar toda a Actuação tem-se vindo a processar em íntima colaboração com Professores, Famílias das crianças e Entidades Oficiais, tendo sempre como objecto a criança e como finalidade o desenvolvimento pessoal e a sua melhor adaptação social.

\*

\* \*

Porque os problemas detectados, através do Estudo de Investigação ao meio escolar primário da Freguesia do Beato são muitos e de graves repercussões para o desenvolvimento da criança, pensa-se encarar cada um deles e dar-lhes solução no próximo ano e anos sucessivos. Neste sentido entregou-se no Ministério da Educação Nacional um relatório com extractos dos Estudos mencionados porque alguns dos problemas não podem ser resolvidos através de um trabalho local mas reclamam a atenção superior. Entre estes problemas que o Centro pensa encarar num próximo programa de actuação é o das crianças com deficiências. A prioridade na selecção dos problemas resulta do interesse que as Famílias e os Professores manifestam e da urgência desses

mesmos problemas. Projecta-se também alargar o âmbito da colaboração pedindo o auxílio de Serviços dedicados à investigação pedagógica e estimulando os Alunos Finalistas do Instituto de Serviço Social de Lisboa a realizarem os trabalhos de estudo e investigação necessários à continuação da experiência.

-----oOo-----

NOTAS:

- (1) - Esta experiência foi levada a cargo pela equipe de trabalho do Centro com o auxílio de Alunas do Instituto de Serviço Social de Lisboa.
- (2) - Maria Luisa Vargas Bulcão no trabalho apresentado no final do Curso de Serviço Social do I.S.S. de Lisboa, intitulado "Estudo de Investigação Alimentar às Crianças em Idade Escolar no Bairro de Santa Maria".
- (3) - Maria Cristina Cidade no trabalho intitulado "Escola e Tempos Livres" realizado no Centro Social do Beato e apresentado como estudo final do Curso no I.S.S. de Lisboa.

Os outros estudos foram realizados pelas seguintes Alunas do mesmo Instituto, em estágio no Centro Social do Beato, no ano escolar de 1963-64 :

Maria Fernanda Soares

Maria Laura Matos

Um grupo de Alunas do 3º. ano - "Família e Escola".

::::::::::

PREVISÃO E PROSPECTIVA

Dr. A. Correia Vicente

Vivemos numa zona da História em que o olhar para diante - em termos de ler o futuro e actuar em função desta leitura - é proeminente ocupação dominante de alguns homens, embora poucos, que libertos da via estreita do empirismo preferem actuar eficazmente ... depois de reflectirem, em profundidade e em extensão.

O termo previsão e outros que dele derivam são hoje já linguagem corrente em administração, em particular ao nível dos órgãos de alta direcção e daqueles que têm a seu cargo o chamado planeamento económico. Digamos que "o previsional" ocupa já uma parte grande das preocupações dos "responsáveis". Factos significativos corroboram estas afirmações.

Assim, a revista "Analyse & Prévision" através da sua secção "Futuribles" (até há pouco publicada como revista independente) polariza-se, quasi completamente, no estudo das perspectivas futuras em todos os domínios, em particular nos político, económico e social. Por outro lado, em Julho de 1962, o Governo Francês criou no famoso "Conservatoire des Arts et Métiers" o "Institut Technique de Prévision Économique et Sociale" que põe à disposição dos seus alunos um curso de dois anos lectivos, completamente centrado sobre a previsão.

Trabalhos recentes como o de Robson - "L'avenir de l'administration publique" ou, o da OCDE "Croissance Économique 1960 - 1970" que nos dá um panorama do desenvolvimento económico em 1970, reforçam as ideias expostas.

Todavia, verifica-se que alguns autores utilizam indistintamente os termos previsão e prospectiva, como sinónimos, usando ora um ora outro no mesmo sentido. A própria "Presses Universitaires de France" coloca a revista "Prospective" na secção de publicações periódicas de economia, como se aquela se centrasse sobre a previsão económica.

Ainda não há muito, o autor destas linhas tomou parte num curso dirigido por um técnico francês e denominado "Prospectiva e Previsão aplicadas à Empresa". Sucede porém que o curso, embora de indiscutível valor, se referia apenas ao domínio da previsão ...

Ora a verdade é que os termos previsão e prospectiva dizem respeito a diferentes zonas de conhecimento e de comportamento. O conteúdo a que o segundo se refere é de tal modo importante que vale a pena desenvolvê-lo.

Gaston Berger, no seu trabalho "L'attitude prospective", publicado na "Encyclopédie Française" em 1959 e mais tarde (1964) na obra "Phénoménologie du temps et prospective" afirmou, como sempre insistiu, que a prospectiva - filosofia da acção, da qual foi o criador - é essencialmente uma atitude : "avant d'être une méthode ou une discipline la prospective est une attitude". E no mesmo trabalho, sublinhou o seu pensamento de sempre : o de que a tal atitude - a prospectiva - se define por cinco caracteres os quais são, no original francês, "voir loin", "voir large", "analyser en profondeur", "prendre des risques" e "penser à l'homme".

Analisar cada um destes caracteres, embora superficialmente, é tarefa que se impõe se se quiser ter uma ideia geral do que é a prospectiva.

Continuaremos, sempre que citarmos em francês, a socorrer-nos do citado trabalho de Gaston Berger, procurando deste modo, penetrar bem no pensamento do autor.

Analisemos então cada um dos caracteres acima citados.

- "voir loin" - A prospectiva tem como factor determinante o futuro. É essencialmente um futuro longínquo, afastado, a determinante das acções do presente: "la prospective est ainsi essentiellement l'étude de l'avenir lointain". É de notar, pelo contraste que estabelece com a previsão, o termo "lointain" utilizado por Gaston Berger.

Como este pensamento anda longe do imediatismo tão em

voga...

- "voir large" - O pensamento de síntese, o "tervistas largas", o sair do quadro estreito da tecnoocracia não são comuns na nossa civilização, tão centrada sobre o particular.

Gaston Berger aponta o caminho : "Dans les affaires humaines, toute action, comme toute décision, est synthétique. Elle intègre tous les éléments antérieurs". "Les extrapolations linéaires, qui donnent une apparence de rigueur scientifique à nos raisonnements sont dangereuses, si l'on oublie qu'elles sont abstraites".

Mas, insiste também Gaston Berger que nada há mais eficaz para a síntese, que o contacto real entre os homens, numa palavra a socialização, a "aprendizagem" através do contacto com os outros. Em grupos humanos de "gentes sabedoras" eivadas de intenso individualismo, importa fazer entrar que "pour dépasser les vues étroites des spécialistes et décrire d'une manière concrète une situation éloignée dans l'avenir, rien ne vaut le colloque entre hommes d'expérience, ayant des formations et des responsabilités différentes".

- "analyser en profondeur" - O recurso à facilidade pela comodidade, o ficar à superfície, o não querer tirar as últimas consequências, são atitudes que impedem qualquer trabalho de cultura. Todavia, são em muitos casos o trilho que em algumas sociedades conduz à "vitória", tomada esta no sentido burguês da vida : fama, glória, dinheiro.

A aventura prospectiva é incompatível com tal espírito : "C'est donc à une analyse en profondeur que la prospective doit se livrer". "C'est dire que la prospective est tout autre chose qu'un recours à la facilité".

Ir ao fundo das coisas : um convite à inteligência e ao sacrifício que a sua utilização acarreta.

- "prendre les risques" - É tendência funda na natureza humana o desejo de estabilidade. Luta cada homem em cada momento com a vida, que raramente (alguma vez?) lhe permite realizar tal desejo. A instabilidade é condição da natureza humana e é-o cada vez mais : é o nosso, o universo da mobilidade.

"Correr riscos" é um dos elementos da atitude prospectiva, um apelo feito à força de inércia do homem: "... l'investigation prospective peut-être-doit-être - hardie. Les horizons qu'elle fait apparaître peuvent nous amener à modifier profondément nos projets à long terme. Les actes que nous envisageons alors se prépareront cependant à loisir et nous pourrons, en cours de route, les modifier pour les adapter aux circonstances".

- "penser à l'homme" - "La prospective ne s'attache qu'aux faits humains. Les événements cosmiques ou les progrès de la technique ne l'intéressent que par leurs conséquences pour l'homme".

Encerram estas palavras de Gaston Berger a maior preocupação de fundo de toda a sua vida - o homem -. Recordemos que estudou e dominou a caracterologia, com a finalidade de melhor compreender os homens com quem trabalhava. Para a prospectiva só conta aquilo que é feito em função do homem.

Poderíamos apenas deixar de pé o reparo de se tal atitude não levará, no fundo, a endeusar o homem, a convertê-lo em absoluto, a pô-lo no lugar de Deus. Gaston Berger responde à dificuldade: "Nous ne prétendons pas que l'homme soit "la mesure de toutes choses". Dans les études prospectives, c'est lui, du moins, qui donne l'échelle". Ora, servir de escala ao que o rodeia não é substituir-se ao que está acima...

As características da prospectiva que acabam de ser analisadas integrava-as Gaston Berger na grande ideia-força da prospectiva, a de que o futuro é aquilo que os homens quiserem que ele seja: "L'avenir n'est pas seulement ce qui peut arriver ou ce qui a le plus de chances de se produire. Il est aussi, dans une proportion qui ne cesse de croître, ce que nous aurons voulu qu'il fût".

De tudo o que atrás fica dito, cremos que é lícito afirmar que para Gaston Berger (e para a escola que o continua) a prospectiva é essencialmente uma atitude de espírito, uma ação iluminada por uma perspectiva filosófica bem determinada, polarizada no futuro mas realizando-se desde já.

Coisa bem diferente é a previsão ... Domínio das ciências e das técnicas, sobretudo das ciências matemáticas e económicas, longe portanto duma filosofia, longe portanto dum programa de vida - como lícito seria chamar ao pensamento de Gaston Berger.

Vejamos uma citação de Bloch-Lainé feita por Gaston Berger, em que aquele autor nos introduz na diferenciação entre previsão e prospectiva: "La prévision économique, alors qu'elle est encore à ses débuts et mal assurée, n'est en général sollicitée que sur le sujet qui est, pour elle, le plus périlleux: la conjoncture à très courte échéance. Pour l'économiste, en effet, rien n'est plus difficile que d'avoir à pronostiquer l'évolution de la bourse, voir celle des prix ou de la trésorerie publique ... Les quelques chercheurs en économie politique dont les curiosités rencontrent celles des hommes d'action sont mis par eux à l'épreuve là où ils peuvent le moins les satisfaire. D'où les déceptions qui les séparent après des tentatives de rapprochement. La prospective conviendrait mieux à leur coopération".

Uma outra distinção, de carácter fundamental, que Gaston Berger faz entre previsão e prospectiva situa-se em que uma e outra utilizam métodos diferentes e devem ser cultivadas por homens diferentes: "Prévision et prospective n'emploient pas les mêmes méthodes. Elles ne doivent pas non plus être mises en oeuvre par les mêmes hommes".

Não queremos terminar estas linhas sem fazer referência a dois discípulos de Gaston Berger: Gilbert Tournier e André Lallemand, que nos mostrarão como o pensamento da escola de Gaston Berger se mantém fiel ao pensamento do seu fundador.

Gilbert Tournier que conheceu o mestre quando este era director-geral do ensino superior de França, publicou na "Revue des Deux Mondes" (1 Jan.65) um trabalho denominado "Prévisions et Prospective" no qual afirma a certa altura: "D'autre part, les techniciens sont mal préparés à la prospective dans la mesure où ils ont l'habitude des prévisions. Prospective et prévisions sont fort différentes".

Neste mesmo artigo o autor cita André Lallemand a quem chama "um bom discípulo de Gaston Berger"; "Les prévisions statistiques

ne sont que le prolongement dans l'avenir de ce qui s'est passé hier. C'est dire qu'elles sont juste l'inverse de la prospective".\*

Estas breves referências cremos que, de verdade, nos provam que o mestre se continua pelos discípulos ...

Julgamos ter demonstrado que nem para Berger nem para a sua escola previsão e prospectiva são sinónimos.

Por quê persistirem então alguns atraíçoando o seu pensamento? Porque não deixar a cada um destes "saberes" (um dos quais é um "saber viver") ocupar-se do seu próprio domínio? Em resumo, porque não prospectiva e previsão realidades diferentes?

Todavia, distinguir não é opôr, diversidade não é antagonismo : a prospectiva pode trabalhar com a previsão, a colaboração entre ambas é mesmo desejável, ciência e "vida" devem andar de mãos dadas. Este era o anseio de Gaston Berger, este é o anseio da sua escola! Cremos pois não nos ficar mal terminarmos com Tournier citando Berger : "Au reste, Gaston Berger nous a bien prévenu qu'il ne s'agit pas de choisir entre prospective et prévision, il s'agit de les associer. Chacune exige l'autre. "Il faut, à la fois, savoir dans quelle direction l'on marche et s'assurer de l'endroit où l'on va poser le pied pour le prochain pas".

-----oOo-----

\* André Lallemand : "Une expérience de prospective appliquée"(Fayard)

O CENTRO SOCIAL - INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO HUMANA

Estudo de fim de curso de Assistente Social, apresentado a 15 de outubro de 1966, ao Instituto de Serviço Social, de Lisboa, pela então Aluna D. Maria Albertina S. Assunção.

- Cap. I : A REALIDADE CENTRO SOCIAL (pag. 1 - 14)
- Cap. II : ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DOS CENTROS SOCIAIS (pag.15 - 36)
- Cap. III : O CENTRO SOCIAL E AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO (pag. 37 - 56)
- Cap. IV : O CENTRO SOCIAL E A PARÓQUIA (pag. 57 - 79)
- Cap. V : A REALIZAÇÃO DUM CENTRO SOCIAL COM A PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO (pag. 80 - 101)
- Cap. VI : O PESSOAL DUM CENTRO SOCIAL (pag. 102 - 119)
- Cap. VII : DESCOBERTA E FORMAÇÃO DE LÍDERES NUM CENTRO SOCIAL (pag.120 -143 )
- Cap.VIII : IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE GRUPO E INTERGRUPO NUM CENTRO SOCIAL (pag.144-166)
- Cap. IX : AS ACTIVIDADES E OS SERVIÇOS NUM CENTRO SOCIAL (pag.169-185)
- Cap. X : O CENTRO SOCIAL E A PROMOÇÃO HUMANA NA COMUNIDADE, TENDO EM VISTA O GLOBAL (pag. 186 - 220)

Conclusões e Bibliografia

-----

Com benévola autorização da Autora, publicam-se a seguir pequenos excerpotos do Cap. I e do Cap. II e todo o Cap. IX.



O CENTRO SOCIAL - INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO HUMANA  
=====

As actividades e os serviços num Centro Social

As. Soc. D. Maria Albertina S. Assunção

- Conceito de Centro Social

O Centro Social é geralmente considerado como uma instituição, destinada à população duma determinada área geográfica, indo ao encontro das necessidades e interesses sentidos pela população, através de serviços e de actividades. Encara a população como uma comunidade e é seu dever trabalhar sempre numa linha de progresso e desenvolvimento dessa comunidade, partindo das suas necessidades e aspirações mais profundas.

Analisando este conceito ressaltam quatro aspectos fundamentais :

- Noção de vizinhança.
- Participação activa dos frequentadores, isto é, interação de pessoas e meios.
- Conjunto de actividades e serviços úteis e desejados pela população.
- Existência de pessoal técnico.

Estes princípios não se verificam aliás, com a mesma intensidade, em todos os Centros Sociais.

- Evolução do Centro Social

Segundo um artigo publicado na revista francesa "Informations Sociales" nº. 4 - 5 de Abril-Maio de 1964, com o qual coincide o meu ponto de vista, podem-se considerar três fases na vida do Centro Social.

1ª. fase - 1884 - 1939 (fim da 2ª. Guerra Mundial)

O Centro Social é antes, de mais nada, o local onde se criam amizades. Tem por fim essencial o acolhimento, o convívio e a ajuda material e sobretudo moral, às famílias modestas, aberto durante todas as horas do dia. Possui, portanto a característica de "residência social".

Não se dava, nesta época, muita importância aos serviços técnicos existentes no Centro Social, "porque as próprias técnicas sociais estavam ainda em embrião". (1)

O local era muito simples e as actividades eram, sobretudo, culturais e educativas : bibliotecas, círculos de estudo, cursos, desporto, dança, etc.

O Centro era essencialmente obra de voluntários, portanto a sua colaboração, na gestão do Centro, era considerada normal.

A responsabilidade de animação do Centro, era confiada a uma Assistente Social e, por vezes, a um voluntário. Toda a vida do Centro, fazia-se depender do animador, por isso, exigiam-se dele muitas qualidades humanas, tais como : entusiasmo, doação, disponibilidade contínua, etc. Estas qualidades pareciam mais importantes do que a preparação técnica. Preconizava-se ainda que a Assistente Social devia residir no Centro. E tal era a importância dada que se dizia : "O Centro Social é a "residente".

2ª. fase - 1945 - 1954 (após a 2ª. Guerra Mundial)

Com o desenvolvimento das técnicas sociais, entra-se numa 2ª. fase.

No Centro Social predominam agora, os serviços e as actividades com a aplicação de técnicas especializadas. Assim, as actividades socio-culturais eram raras.

-----  
(1) "Informations Sociales" - d nº.4-5 de 1964. pág. 9.

O local toma uma importância considerável, pois tem que se ajustar às exigências das novas técnicas, com os respectivos métodos de trabalho e existência de pessoal qualificado.

Dando-se maior relevo à preparação técnica, a participação dos frequentadores no funcionamento dos serviços e actividades do Centro, torna-se menos solicitada.

Agora, olha-se mais à preparação e competência técnica do animador-responsável do que às suas qualidades naturais. É considerado mais um técnico, um responsável administrativo e um coordenador de actividades do que um "condutor de homens".

Os Centros Sociais são ainda, na maior parte dos casos, dirigidos por Assistentes Sociais.

### 3ª. fase - a seguir a 1954

Esta fase encerra a síntese da preocupação das duas épocas anteriores.

Voluntários e técnicos, são considerados de grande valor e indispensáveis num Centro Social. Ambos se completam.

O Centro Social é de novo considerado como devendo contribuir essencialmente, para o desenvolvimento das relações humanas entre os frequentadores, criando assim um espírito de entreaajuda, de cooperação e de solidariedade. Em consequência, surge cada vez mais, a participação dos frequentadores na vida do Centro. E por vezes é tal a responsabilidade, que chega a ser solicitada na gestão de certas actividades e até na direcção do próprio Centro.

O responsável é agora considerado um "catalizador", capaz de enquadrar a equipe de técnicos existente e, também despertar o aparecimento, na população, de voluntários conscientes e responsáveis.

O Centro Social torna-se nesta 3ª. fase um dos principais meios de desenvolvimento social duma comunidade.

### - Actividades e Serviços num Centro Social

Não há modelos feitos e rígidos de programas de actividades dos Centros Sociais, pois o essencial é que respondam aos interesses, tradições, cultura e necessidades expressas e sentidas pela população. Por esta razão, é absolutamente indispensável que se faça antes, um estudo profundo da comunidade e tudo vai depender do estado de evolução das pessoas.

Na verdade, as necessidades e aspirações variam de local para local, quer se trate de cidades, vilas ou aldeias. Por isso, jamais devem as actividades surgir em função da equipe técnica do Centro Social, mas sim em função das pessoas, dos seus desejos e interesses. E os diversos serviços e actividades dum Centro, aparecerão sempre como meio de progresso da comunidade e não como um fim.

Por outro lado, sabemos que a vida é movimento e que o homem é dinâmico; por conseguinte, as actividades e os serviços criados num Centro Social, não devem ser limitados e imutáveis, antes seguirão o ritmo de evolução dos tempos e das pessoas.

Também, o estudo do meio, possibilitará o conhecimento do "armamento social", isto é, dos diversos serviços e instituições existentes, o que impedirá que o Centro faça duplicações. Uma das suas finalidades será a de acolher as iniciativas e organizações locais e os diversos grupos do meio, como movimentos de juventude, associações familiares, grupos desportivos, clubes, etc., para que as actividades do Centro não sejam um motivo de divisão para a população.

Para a concretização do programa de actividades, deve o Centro Social rodear-se de pessoal técnico, voluntário ou auxiliar, competente, para que haja certo êxito em tudo o que se faz. Isto é muito importante, para chamar, interessar e formar as pessoas, através de actividades e serviços, com prestígio.

Falou-se que era preciso responder às necessidades expressas e sentidas, porém não se pode esquecer que se deve também despertar as pessoas para necessidades reais, concretas, embora não sentidas ainda, a fim de se tornarem na realidade, socialmente felizes.

Se os Centros Sociais têm por vezes ajudado à centralização e à descentralização de vários serviços institucionalizados, têm acima de tudo, desenvolvido simultaneamente actividades educativas, culturais e recreativas, pois estas facilitam e aumentam o encontro e a ajuda entre as pessoas.

As actividades do Centro, para servirem, efectivamente, os objectivos deste, devem procurar atingir todas as dimensões humanas, pois só assim será possível uma total promoção do homem.

Após a 2ª. Guerra Mundial, dada a preponderância da técnica, os Centros Sociais aparecem reunindo, quase que exclusivamente, serviços técnicos de ordem institucional: Posto médico, Jardim Infantil, Creche, Cursos domésticos, etc.

Muitos Centros seguem bastante a prestação de actividades do tipo assistencial, o que ainda hoje se verifica em alguns.

Mais tarde, sobretudo depois de surgirem os novos bairros residenciais, começa a dar-se maior relevo às actividades espontâneas relacionadas com os tempos livres das pessoas. Acentuam-se as actividades educativas, desportivas e culturais, especialmente para jovens e adolescentes, mas também para outras idades. Isto foi provado através dum inquérito realizado em 1962-63, pela F.C.S.F. (1)

A título de exemplo, vou seguidamente apresentar os tipos mais comuns de actividades dum Centro Social, as quais podem agrupar-se da seguinte maneira:

- actividades de associações de vizinhança;
- actividades que asseguram relações com o exterior;
- actividades de promoção, através da prestação de serviços;

(1) Federação dos Centros Sociais de França.

- actividades de educação popular;
- actividades essencialmente de convívio (1)

a) Actividades de associação de vizinhança

Como é sabido, o Centro Social procura agrupar as pessoas e encaminhá-las para uma acção comum, em vista à satisfação dos seus interesses; por isso, podem surgir várias actividades deste tipo:

- Assembleia Geral.
- Conselho de Administração.
- Comissões de trabalho.
- Actividades das diversas associações de acolhimento do Centro;
  - Associações familiares.
  - Movimentos de ajuda à família.
  - Movimentos de ajuda à juventude.
  - Escola de Pais.
  - Clubes desportivos.
- Reuniões de frequentadores, participando na vida do Centro:
  - Comissões de actividades e serviços.
  - Comissões de animação e apoio.
  - Comissão de gestão.
  - Reuniões de informação e de avaliação.

b) Actividades que asseguram relações com o exterior

Trata-se de todas as tentativas de aproximação com o exterior, encontros, representações, enfim, toda a colaboração com o exterior: escolas, liceus, Paróquia, colectividades locais, lares para jovens, lares para velhos, dispensários, hospitais, creches, bibliote-

(1) Baseado na Revista "O Centro Social" da Federação dos Centros Sociais de França - Janeiro 1965.



oas, representantes das autoridades locais e dos ministérios, etc.

c) Actividades de promoção através da prestação de serviços

Como se sabe, o equipamento social duma comunidade é, em grande parte, da responsabilidade dos Poderes Públicos, devendo o Centro Social, quando existe, aparecer mais como instrumento promotor e impulsor do que como elemento criador dos ditos serviços.

Podemos focar, como actividades deste tipo, as seguintes :

- Actividades médico-sociais
  - protecção materno-infantil
  - ginástica correctiva
  - consultas médicas diversas
  - consultas a domicílio
  - educação sanitária e social
  - luta contra os flagelos sociais
  - etc.
- Serviços cooperativas
  - cooperativas de consumo
  - cooperativas de alimentação
  - cooperativas de lavandaria
  - cooperativas de produção (confeção e artesanato nos meios rurais, por exemplo).
- Serviços de educação
  - escolas primárias e secundárias
  - creches, parques infantis e jardins de infância
  - escolas profissionais, etc.
- Serviços de divertimento
  - cinema e teatro
  - bailes
  - desporto, etc.



CATOLICA

CRC-W · CATHOLIC RESEARCH CENTRE FOR  
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

- Serviços comerciais
  - mercado
  - vários tipos de comércio, etc.
- Serviços de transporte
- Outros serviços sociais
  - consultas psico-pedagógicas
  - tutela em colocações familiares
  - organização de Colónias e Campos de Férias, Acampamentos e Casas familiares de Férias.
  - Actividades domésticas: cursos de corte e costura, culinária, empréstimo de aparelhos domésticos, etc.
  - Orientação profissional.

d) Actividades de educação popular

Para elevação do nível da população, o Centro Social apoia e fomenta as manifestações culturais, artísticas, desportivas e recreativas de qualquer tipo, dependendo muito do interesse e da iniciativa das pessoas e também do apoio técnico com que se pode contar.

- Actividades artísticas e culturais

- "ateliers" vários : pintura, desenho, trabalhos manuais, cerâmica, barro, etc;
- "ateliers" de artesanato (electricidade, carpintaria, etc.);
- fantoches;
- dança rítmica e clássica;
- danças folclóricas;
- grupos teatrais e corais;
- canto e declamação;
- música instrumental;
- festas regionais;
- exposições de arte (pintura, artesanato, fotografia, etc.);
- visitas a museus;

- encontros musicais;
- conferências, palestras;
- bibliotecas, discotecas;
- organização de círculos de estudo;
- excursões e viagens culturais;
- cursos nocturnos de adultos;
- cursos de línguas;
- Clubes diversos:
  - . Cine-club;
  - . T.V. Clube;
  - . Clube de acolhimento aos estrangeiros;
  - . Clube de jovens;
  - . Clube de velhos;
  - . etc.

- actividades desportivas e recreativas

- cultura física
- atletismo
- foot-ball
- hand-ball
- ténis
- natação, vela, ski aquático
- hoquei
- ténis de mesa
- judo
- boxe
- alpinismo
- campismo
- organização das férias
- ginástica
- jogos de salão
- passeios e pic-niques
- festas
- touradas
- ski na neve
- etc., etc.



CATOLICA

CRC-W : CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR  
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA

e) Actividades essencialmente de convívio

Todas as actividades de conjunto, devem procurar desenvolver a convivência entre as pessoas, pois é este um dos principais objectivos do Centro. Se bem que tudo possa servir de meio há, no entanto, técnicas de animação e convívio, pelo que são necessários indivíduos preparados para este trabalho. Estes devem possuir uma série de iniciativas que provoquem o diálogo e a comunicação entre as pessoas ; lançar perguntas num auditório, estimular o espírito de cooperação, interessar as pessoas pelos mesmos assuntos, etc.

- Principais objectivos dos programas de actividades

Salvaguardando a não rigidez que existe nos programas de actividades dos Centros Sociais, podem considerar-se certas distinções características específicas, nos programas dos países desenvolvidos e nos dos subdesenvolvidos.

a) Nos países desenvolvidos

Têm os programas como principal objectivo, a educação, o bem estar social e a ocupação dos tempos livres.

Duma maneira geral, os Centros apresentam programas que pretendem uma protecção materno-infantil, uma acção sobre as crianças em idade pré-escolar, actividades para jovens, serviços de consulta e orientação (Serviço Social de Caso ou qualquer outro tipo de ajuda individual), actividades para pessoas idosas, permitindo-lhes fazer algo compatível com as suas possibilidades, sentindo-se socialmente úteis, organização de cursos profissionais, e de educação de adultos (economia doméstica para mulheres, educação cívica e sanitária, etc.).

O conteúdo do programa pode ser variado, mas é sempre feito a partir dos membros da comunidade e consoante as suas necessidades.

b) Nos países subdesenvolvidos e regiões rurais

O programa de actividades incide, especialmente, sobre as necessidades económico-sociais.

Geralmente, os Centros combatem a fome e as doenças que atacam a população. Os programas estão, também, muito voltados para a educação de base.(1)

Nos Centros dos países subdesenvolvidos e regiões rurais, há muitas vezes a tentação de se seguir a linha assistencial, ficando, em alguns casos, por aqui. Outras vezes, isto é ultrapassado, evoluindo a instituição por um caminho de maior progresso e construção.

Nem sempre existem Centros a trabalhar numa linha de Desenvolvimento Comunitário, mas equipas de técnicos que se podem encontrar numa casa local, escola, Igreja, etc.

Os principais objectivos dos programas, nestes países, são :

- Progresso económico, especialmente voltado para a ocupação principal da comunidade, quer seja a agricultura ou o artesanato.

Há uma ajuda no evoluir, portanto podem surgir cooperativas e pequenas indústrias.

- Educação, no sentido da utilização das escolas, no desenvolvimento da comunidade. A escola não é só escolhida, muitas vezes, como ponto de reunião dos técnicos, mas tem uma grande função junto dos alunos, despertando-os para uma colaboração em prol

(1) Instrução não escolar : higiene, nutrição, agricultura, etc. A aquisição de conhecimentos pela prática tem um papel essencial. São exemplos os métodos de "extensão agrícola" e de "extensão doméstica".

do meio. Pode, ainda, a escola, prestar um valioso contributo na educação de base, na educação de adultos (1) e na educação das massas (2).

- Melhoramento das medidas sanitárias e luta contra certas doenças.

- Bem-estar e protecção social. Deste modo podem surgir Serviços que vão atingir as pessoas em todas as idades e para vários tipos de deficiências e de desajustamentos sociais.

- Melhoramento das condições habitacionais e criação de serviços colectivos, como : escolas, Igrejas, mercados, etc.

- Ocupação dos tempos livres, devendo ter-se em conta o que é tradicional.

(1) A educação de adultos, nos países subdesenvolvidos e nas regiões rurais é uma necessidade premente de ajudar as pessoas a desenvolver ao máximo as suas capacidades, levando-as a reflectir seriamente sobre os seus problemas e os da comunidade. Pretende criar uma opinião pública aberta e esclarecida . Pode fazer-se em estádios de desenvolvimento intelectual muito diferente, isto é, em estádios de educação com vários níveis e métodos.

(2) Eliminação do analfabetismo, o pôr em contacto com a escrita, rádio, televisão, cinema e com outros meios de informação.

- O Programa de Actividades do Centro Social em relação com a organização dos tempos livres das pessoas

Como já houve possibilidade de constatar, desde o Centro Social criado por Samuel Barrnet que se tem pretendido que esteja relacionado com a ocupação dos tempos livres.

E vimos também, que quer nas zonas desenvolvidas ou subdesenvolvidas, este aspecto põe-se com maior ou menor intensidade.

Parece-me, portanto, de interesse e utilidade, fazer algumas considerações sobre o problema dos Tempos Livres.

a) Definição

O que é o tempo livre? É costume considerar-se a parte do tempo em que o homem não trabalha nem dorme. Mas com mais propriedade, é considerada como a actividade consciente e livre do homem quando repousa. É esta perspectiva que nos impedirá de cair no atavismo ou na ociosidade, dois grandes males da sociedade que se opõem à verdadeira natureza do tempo livre.

b) Necessidade e justificação

Na verdade, o trabalho é para o homem uma actividade inteligente e dignificante; porém, surge como algo de penoso e de obrigatório.

Por isso, o homem, pode e deve libertar-se desta situação, e aparecer de vez em quando, autênticamente livre. É, quando ocupa os seus tempos livres, que a pessoa humana pode optar com maior liberdade e, portanto, participar muito mais na liberdade de Deus.

Se o homem apenas trabalhasse, ficaria incompleto e diminuído e, isto é tão verdade, que Deus o testemunhou ao criar o mundo, quando "descansou no 7º. dia". Não é em função do trabalho que deve surgir o tempo livre, mas sim em função duma maior dignidade da pessoa humana e, conseqüentemente, duma mais perfeita participação em

Deus. O que não significa que não possa dar muita força e estímulo para o trabalho.

Portanto, o homem, para se realizar, precisa de trabalhar e de ter tempos livres. São duas forças que encerra a alma humana. É preciso interrelacionar tudo, articulando os tempos livres com as outras actividades do homem, de molde a que concorram para a sua unidade.

Com efeito, todas as actividades devem concorrer para a unidade do homem, apresentando-se variadas, de modo a satisfazer as duas grandes dimensões humanas : vida natural e vida sobrenatural; esta como necessidade de relação com Deus e a natural, que inclui várias necessidades : fisiológica (descanso e revigoramento físicos) ; psicológica (para reflexão e reorientação da própria vida, libertação, compensação, afirmação, recreação, cultura, formação e aperfeiçoamento técnicos, etc.).

Trabalho e Tempos Livres devem ter sempre presentes as duas dimensões referidas; de contrário, algo ficará incompleto.

O Centro Social pode prestar um grande contributo ao homem, proporcionando-lhe uma ocupação variada e construtiva de actividades de Tempos Livres. Hoje, todas as comunidades planeadas, incluem nos seus programas modos de preencher os Tempos Livres.

"A indústria dos nossos dias tão mecanizada, trouxe a rotina com a especialização do trabalho para as quais a recreação é uma espécie de antídoto ou derivativo e, também, mais tempo livre". (1)

Muitas populações rurais e de países subdesenvolvidos, lutam com a dificuldade de locais de diversão, pelo que o Centro Social pode desempenhar um papel importante, neste sentido.

-----  
(1) Arthur Hillman - "Organização da Comunidade e Planeamento"  
pág. 238.

Segundo Arthur Hillman, nas cidades, a procura de divertimentos é tão grande que são geralmente insuficientes as iniciativas patrocinadas pela comunidade e por mais que se desenvolvam as obras particulares e públicas, haverá lugar para as diversões comerciais, bem como para actividades fortuitas e altamente individualizadas.

Pode um Centro Social ajudar a despertar nas autoridades do governo, uma supervisão e censura destas diversões comerciais, para que respeitem a dignidade da pessoa humana.

Por outro lado, está provado que o tempo livre não é suficiente, o que origina, por vezes, tensões, estados de ansiedade e desequilíbrio emocional. Neste aspecto, também o Centro Social deve prestar o seu contributo, mentalizando e humanizando as várias estruturas, através dum papel directo ou indirecto, de molde a que as pessoas tenham possibilidade de recorrer a este tipo de actividade sempre que o desejem e necessitem e segundo os seus próprios interesses.

Entre os vários locais de que a comunidade se pode servir para ocupação de actividades de tempo livre, temos, além de todas as casas de espectáculo, as escolas públicas, os clubes associativos, a Igreja, os Centros Sociais, etc.

### c) Características

Os tempos livres devem ser livres, indo ao encontro das necessidades, gostos e interesses sentidos. Mas livres não significa anarquia ou liberdade absoluta. Como se sabe, a liberdade está sujeita aos vários determinismos (biológico, sociológico e psicológico) e não se vive isolado, mas em relação com os outros (co-liberdade).

- Os tempos livres devem ser adaptados ao meio (campo, vila, cidade) à idade, ao sexo, ao desenvolvimento intelectual e físico, à profissão, às condições de vida, às preferências, etc.

- Os tempos livres devem ser compensadores e com vista à promoção integral do homem.

Devem atenuar e compensar os efeitos do trabalho e restabelecer o equilíbrio físico, afectivo, intelectual e espiritual. Têm que responder, portanto, às várias dimensões humanas: cultura, repouso, recreio, desporto, aperfeiçoamento profissional, formação espiritual, etc.

- Os tempos livres devem contribuir para a coesão familiar.

Por um lado, os tempos livres devem proporcionar a satisfação dos vários membros da família, desde os netos aos avós, e por outro, contribuir para a unificação da mesma. Isto supõe várias condições: habitação condigna, ambiente físico e moral, preparação dos pais, etc.

- Os tempos livres devem ser variados

O homem deve poder escolher vários tipos de actividade de tempos livres, conforme o gosto e a necessidade que se põe com mais acuidade, no momento.

Se não houver possibilidade de escolha, a sua liberdade fica bastante limitada às possibilidades existentes.

Há sociedades, especialmente as rurais, que lutam com este problema. No entanto, nas cidades, nos novos bairros residenciais, o mesmo factor se verifica, muitas vezes, podendo constituir fonte de desequilíbrio.

- Os tempos livres devem ter presente o respeito pela pessoa humana

Devem servir para a promoção do homem e não para a sua degradação. Como nem sempre as pessoas os utilizam numa forma positiva, há que mentalizá-las e fazer-se a educação do tempo livre, para que seja ocupado racional e construtivamente.

- Os tempos livres devem também relacionar o homem com Deus

Sabemos que não há verdadeira liberdade sem que o homem reconheça a sua dependência de Deus.



Na verdade, todo o tempo do homem é de Deus, mas há um tempo que só deve ser de Deus, o qual faz parte dos tempos livres, ocupando um lugar de destaque.

d) O Centro Social, local por excelência de ocupação dos tempos livres

Dadas as suas características e funções específicas, o Centro Social constitui um dos locais por excelência, para ocupação dos tempos livres. Sendo a "casa de todos", é um lugar privilegiado para se ocupar destas actividades, de modo a interessar e a servir uns e outros, pois pode reunir a família inteira: crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos.

Como instrumento de educação e elevação do meio, o Centro Social pode não só promover a pedagogia do tempo livre, levando as pessoas a saber usar a sua liberdade e como melhor preencher os seus tempos livres, mas também levar a comunidade a organizar actividades que respondam aos vários interesses e necessidades expressas.

Por outro lado, o Centro pode ainda colaborar na mentalização e humanização das diversas estruturas: autoridades locais, Igreja, Empresas, Casas de espectáculo, Sindicatos, etc., de modo a que haja uma compreensão autêntica dos tempos livres e, consequentemente, uma aplicação humana e construtiva.

-----oOo-----

LISBOA

A FORMAÇÃO PARA O SERVIÇO SOCIAL NA BÉLGICA

Dr<sup>a</sup>. Gerda DE BOCK

Procurarei dizer-vos "boa noite", embora ainda não pronuncie bem. Deveria, aliás, começar por dizer "desculpai" porque não consigo fazer a conferência em português, como a vossa Colega conseguiu apresentar-me em francês; e, se quereis fazer o esforço de ouvir-me em francês, dir-vos-ei "obrigado". Por agora, esgotou-se-me, mais ou menos, o português...

Primeiramente quereria dizer quanto me alegro falar -vos, esta noite, a vós Profissionais do Serviço Social; e, quero juntá-lo, Profissionais do Serviço Social em Portugal. Embora ainda me demore um pouco, estou quase em véspera de partir - e quero dizer-vos que gosto imenso de Portugal, que me agrada muito estar aqui, sobretudo graças a toda a amabilidade das pessoas ligadas ao Serviço Social que aqui encontrei.

Propus-me não falar muito tempo, não fazer verdadeiramente uma conferência porque entendi mais agradável que tivésseis tempo, depois, de fazer determinadas perguntas, de propor assuntos que sobremaneira vos interessem e nos quais porventura eu nem pense. Vou, portanto, limitar-me a tempo que permita ainda um pouco de discussão e de conversa.

O tema será FORMAÇÃO PARA O SERVIÇO SOCIAL (propus, com efeito, falar de Formação para o Serviço Social na Bélgica): dir-vos-ei primeiro que entendo não limitar esta formação à formação das Escolas de base; e, para ser honesta, acrescentarei que, ao falar-vos de formação para o Serviço Social na Bélgica, em tudo aquilo que respeite a informações objectivas, será mesmo do Serviço Social na Bélgica; porventura no que respeite a comentários haverá um tanto de subjectivo, será talvez por vezes a minha opinião belga sobre a formação para o Serviço Social.

Começo por dizer-vos por que me empenho em não limitar esta formação ao ensino nas Escolas de base: acho sempre muito lamentável a ideia que têm alguns estudantes, e que têm certos diploma

dos, de que a formação acaba com a obtenção do diploma - o documento recebido emoldura-se (ou não se emoldura...), mas significa que se está formado, que a partir desse momento o que importa é agir, não há mais que formar-se... Creio que, em todas as profissões, há um processo permanente que, sem cessar, tem de continuar-se; no Serviço Social isto é ainda mais verdadeiro que em muitas outras profissões. Trata-se dum domínio - não vos digo nada de novo - em que tudo está em constante evolução; domínio altamente dinâmico, no qual, a cada momento, é necessário rejuvenescer e aumentar conhecimentos, onde é necessário continuar a formar-se. Por isso digo aqui, como os americanos, que um diploma é apenas o início da formação.

Isto é, por vezes, bastante consolador, como óptica para as Escolas de base, e para as direcções das Escolas de base... Tem-se, às vezes, no Serviço Social tendência a ser perfeccionista; que se re-se, à viva força, ensinar tudo quanto há possibilidade de ensinar-se (neste aspecto encontrei aqui em Portugal o mesmíssimo espírito que nos anima na Bélgica). No fundo, cada vez que um profissional encontra, no seu serviço, uma dificuldade, uma matéria que lhe não foi ensinada, nós temos um pouco tendência a sentirmo-nos culpados. Na realidade, se se não corrigisse esta tendência, seria necessário reter os Alunos ao longo de 20 anos, para lhes ensinar quanto se quereria... e é absolutamente impossível.

Penso então que a única óptica que pode consolar-nos desta tendência é pensar : não se trata, em verdade, senão dum começo de formação que há-de, simultaneamente, conseguir dar aos diplomados uma óptica de investigação e de formação a continuar, sempre e constantemente. Aqui tendes a razão pela qual, ao falar-vos de formação para o Serviço Social na Bélgica, passarei bastante sumariamente pela formação de base, para depois vos dizer também algumas palavras sobre as diferentes modalidades que, neste momento, temos em curso para ajudar os Profissionais a aperfeiçoar a formação 'en cours d'emploi' ou após uns tantos anos de prática profissional.

Antes de mais como informação que provavelmente vos interessará temos na Bélgica umas 23 ou 24 Escolas de Serviço Social. É muito, será mesmo demasiado, mas é uma realidade. Estas Escolas de Serviço Social estão oficialmente reconhecidas; sejam do Estado, ou da Província, ou da Comuna, ou de iniciativa particular - livres, com tendências diferentes - todas estão reconhecidas. Quer dizer : têm todas de dar um mesmo programa mínimo, e só elas estão habilitadas a conceder o diploma legal. Com efeito o diploma de Assistente Social é felizmente, no meu País, reconhecido oficialmente desde 1945. De desejar seria tivesse isto sido feito de modo ainda melhor : se alguma vez conseguirdes uma lei que vos proteja o título, aconselhar-vos-ia a tentardes que se proteja a função e não apenas o título. Entre nós acontece que, se alguém usa o título de Assistente Social sem ter diploma requerido, dado por uma Escola reconhecida, está sujeito a penalização e o mesmo sucede a quem empregue tal pessoa como Assistente Social. Isto é já muito bem; simplesmente pode conceber-se - e encontra-se por vezes - um Serviço Social onde não exista Assistente Social, mas um Secretário ou uma Secretária... Assim, a função não está suficientemente protegida; deveria como que prever-se que um Serviço não teria o direito de chamar-se Serviço Social senão quando haja, ao menos, um ou uma Assistente Social que aí trabalhe. Desta forma é que, me parece, estaria inteiramente bem.

O facto é que todas estas Escolas dão, portanto, o mesmo diploma, reconhecido e protegido; com a reserva de que o nome da Escola ou do Instituto que fez a formação do Aluno figura no diploma - coisa que sobretudo algumas Escolas tiveram muito a peito por razões que facilmente compreenderéis : estimam tomar a responsabilidade da selecção de estudantes que passam ao campo de trabalho.

Coisa porventura também diferente da situação de aqui é que, em Gand, no Instituto de Estudos Sociais, há agora, sensivelmente, o mesmo número de rapazes que de raparigas inscritos, e creio até que no 1.º ano há um pequeno predomínio de rapazes. No geral é meio por meio. Nem sempre, porém, foi assim. Também entre nós há uns 10 anos o Serviço Social era, antes, encarado como carreira muito tipicamente feminina. A situação mudou sobretudo nos últimos anos e penso que, em geral, é fenómeno bastante feliz, até porque, no ensino, que

entre nós começa aos 18 anos (o que equivale sensivelmente ao que se passa aqui, visto ser aos 17), é muito bom, por regra, nestas idades, ter nas aulas um público mixto - a maioria dos Professores apreciam-no muito. Por outro lado, o facto de haver bastantes homens na profissão foi um dos factores (friso: um dos factores) que facilitaram o facto de o estatuto de Assistente Social ter subido, do ponto de vista material. De forma alguma direi que o mais importante é o nível de ordenado, não negarei o aspecto vocacional da profissão. Mas o facto de ter um standing sério no quadro das profissões que se exprime também por um índice de ordenado correspondente ao nível dos estudos não prejudica, de qualquer modo, a verdadeira vocação e pode, por vezes, até facilitar o prestígio da profissão no trabalho em equipa.

Temos três anos e alguns meses de curso; portanto, um pouco menos do que aqui; mas de curso que ocupa, obrigatoriamente, o dia inteiro: com aulas ou estágios, mas o dia inteiro. Não é possível fazer qualquer espécie de trabalho profissional cumulativamente com os estudos.

Creio que não fica muito por dizer, a propósito da formação de base. Talvez possa acrescentar, comparando com o ensino que se dá aqui nas Escolas de base, que talvez nós tenhamos já levado um pouco mais longe aquilo a que chamo o sector de material de recolha ("bagage emprunté"). Efectivamente propendo em geral a dizer que há, no ensino do Serviço Social (tanto quanto possam aqui valer distinções, porque é necessário muito diálogo entre os diferentes sectores), uma parte de saber que vai buscar-se a ciências de base; fazendo prospectiva (e é coisa que aprendi a fazer aqui...), poder-se-á porventura pensar que, em dado momento, virá o Serviço Social a conseguir, tal como a Medicina, constituir, com o material colhido das ciências de base, uma disciplina própria, empregando o termo disciplina em sentido bastante lato. Pode, com efeito, dizer-se que também a Medicina não é uma ciência autónoma, mas que chegou a formular, com muita clareza, as suas interrogações às ciências de base - a física, a química e outras ... - e com clareza tal que com a achega que foi buscar, por sua intervenção, às ciências de base, se tornou, em virtude da óptica que lhe constitui o centro, uma verdadeira disciplina, na qual se integram os dados científicos que emprega. E, porventura, se o Serviço Social chegar a mais clara formulação das suas interrogações a ciências como a Psicologia, a Sociologia, a Psicologia Social, a Economia, o Direito, a Fi-

losofia... e algumas outras ciências humanas, porventura poderá um dia constituir-se um todo que seja uma espécie de disciplina de Serviço Social. É questão assás importante que, de modo algum, poderemos hoje aprofundar. Para tal será também necessário que estas ciências de base se tornem mais inter-disciplinares, porque se fala muito de inter-disciplinar, mas, em geral, trata-se de multi-disciplinar e não ainda verdadeiramente, mesmo entre nós, de inter-disciplinar.

Por outro lado, parece-me que talvez nos seja um pouco mais fácil na Bélgica ter ensino bastante desenvolvido nas ciências de base. É também coisa assás recente. Há dez anos era muito difícil encontrar psicólogos e sociólogos - para não citar mais que dois exemplos de ciências de base muito interessantes - que estivessem suficientemente interessados no domínio da prática e que estivessem suficientemente interessados na óptica do Serviço Social para fazerem ensino, plenamente válido, de base nas Escolas de Serviço Social. Isto não foi fácil e exigiu muito diálogo de psicólogos e sociólogos de modo a se integrar este ensino de base.

A segunda parte que ensinamos é a teoria da prática - quero com isto significar tudo aquilo que na prática do Serviço Social pôde já desenvolver-se como teoria própria; o que já foi verificado e o que, na prática, é ainda hipótese de trabalho: é, sensivelmente, a mesma que a ensinada aqui.

Como terceira parte considerarei a da prática e, sobretudo, dos métodos que ligam a teoria da prática à prática profissional do Serviço Social - portanto os Estágios.

Há, porventura, duas diferenças em relação ao ensino de base que se faz aqui; e, não sei - é uma nova tentativa que estamos a experimentar neste momento - não sou capaz ainda de asseverar-vos que se trata de coisa inteiramente válida: oferecemos, a partir do 3º. ano, determinadas opções, como possibilidades, quer nos métodos, quer na orientação para determinados sectores de trabalho, de aplicação. Damos aos Alunos, depois dos cursos introdutórios aos métodos, a possibilidade de escolher se desejam aprofundar ou o Serviço Social de Casos ou o Serviço Social de Grupos (o de Comunidades temo-lo muito menos desenvolvido, porque se situa numa outra forma no meu País);



os Alunos escolhem o estágio prático em relação com o método que pretendem aprofundar e, simultaneamente, fazem a opção de um certo grupo de disciplinas - porque, já o disse há pouco, não se pode dar tudo - de especial interesse para um sector de trabalho determinado. Para vos não citar mais que um exemplo, Estudante que escolhesse problemas sócio-económicos (por exemplo, o Serviço Social de Empresa) teria de fazer opção, a partir do 3º. ano, por um pouco mais de psicologia e de sociologia industriais, por certos problemas de Administração que se prendem ao quadro de trabalho. Creio que, a este respeito de ensino de base nas Escolas de base, vou terminar, para permitir, se houver questões específicas que vos interessem, retomar depois certos pontos.

-----  
E quereria falar-vos agora um pouco da formação em Serviço Social consecutiva à obtenção do diploma de Serviço Social.

Há, por um lado, - mas não é do que vou falar - a formação de todos os dias, que é dada pela própria vida, a formação dada pela própria experiência de trabalho profissional. Essa não diferirá substancialmente dum País para outro. Quero antes falar-vos de algumas experiências de formação após obtenção do diploma, que estamos a tentar neste momento.

Tendemos agora bastante a distinguir, quanto a formação posterior ao diploma, entre a reciclagem e a formação continuada. Constata-se, efectivamente, que após certo número de anos os conhecimentos adquiridos carecem de frescura e, sobretudo, de serem renovados e postos em dia. Vou dar-vos um exemplo: muitos dos nossos Assistentes Sociais, diplomados há anos, nunca tiveram sequer ocasião de aprender os rudimentos da metodologia e sentem-se, naturalmente, em inferioridade perante os jovens diplomados como até perante os estagiários que entram nos seus Serviços. De diversas formas se procurou, consequentemente (neste caso, sobretudo, pelo movimento profissional de acordo com certas Escolas e de acordo também, por vezes, com os Serviços que empregam os Assistentes Sociais), organizar cursos que chamamos de "reciclagem" - renvolvimento e complemento do ensino já recebido.

Por outro lado, há, realmente, tentativas do que cha-

marei formação de especialização, ou formação "en cours d'emploi" orientada para determinado sector. Pode ter acontecido que haja algum sector especial em que, a certa altura, se tenha desenvolvido o Serviço Social, no qual se tenha, em dado momento, muita necessidade de empregar Assistentes Sociais; e pode tal sector ter particularidades bem definidas e que necessitem uma formação que chamarei complementar, formação que não será talvez tipicamente Serviço Social, mas que Assistentes Sociais precisam de ter para bem realizarem o seu trabalho, urgindo adaptação dos conhecimentos profissionais ao referido sector. Temos, por exemplo, nesta linha a formação em Serviço Social Psiquiátrico. No sector da Psiquiatria há bastantes Assistentes Sociais empregados; os conhecimentos de Psiquiatria que podem ser dados nas Escolas de base não passam de introdutórios. É, pois, do maior interesse para este sector uma formação complementar "en cours d'emploi". O mesmo se passa neste momento no sector da Justiça, porque temos Assistentes Sociais, em número notável, que estão empregados no sector dos tribunais de Menores, na "probation" (tempo de liberdade condicional), nas prisões, etc. Como a Legislação a este respeito mudou terrivelmente nos últimos anos e previu explicitamente nas Leis o emprego de Serviços Sociais com problemas muito particulares, há toda uma formação especializada e complementar que está em vias de realizar-se neste sector. Para lhes não citar senão um exemplo, todo o problema do segredo profissional toma dimensões verdadeiramente especiais no sector da Justiça, como o compreenderéis facilmente.

Por tudo isto, começámos há dois anos uma iniciativa - a de formação continuada - de que vou falar-vos um pouco mais longamente. Sei que o termo "continuée" (de "formation continuée") é mau francês; e, não obstante, adoptámo-lo porque era a palavra que melhor nos exprimia a ideia. Falarmos de "formação superior" seria correr o risco de desvalorar a formação de base e criar dois tipos de Assistentes Sociais, os superiores e os inferiores - o que queríamos absolutamente evitar. Queríamos também que esta formação constituísse um todo, quanto a certos elementos de base, com a formação de quadro, e não fosse qualquer coisa à parte. Esta a razão de termos optado, por agora, pelo termo de "formação continuada" que não é muito perfeito do ponto de vista linguístico.

Esta formação continuada é uma iniciativa assás única no meu País, justamente porque ... é única. Há uma só formação continuada, na qual participam absolutamente todas as Escolas, tanto da parte francófona como da parte flamenga do País, tanto as católicas como as socialistas, as do Estado, as das Comunas... Todas as Escolas participam nesta iniciativa, com o grupo de línguas e as diferentes tendências. E coisa destas é, para a Bélgica, verdadeiramente uma esperança - asseguro-vos-lo.

Não saberei ainda dizer-vos, até porque este Instituto de Formação Continuada não faz ainda sequer a crise de puberdade, mas tão só a crise de bebé..., está verdadeiramente no início da existência. Sòmente creio que era uma grande necessidade no nosso País, porque o Serviço Social, em seu aspecto profissional, foi intensamente sacudido, desde o nível preferentemente executivo até ao nível de responsabilidade. Acontece até que as próprias funções e tarefas caminharam, por vezes, mais depressa que os Profissionais. Dar-vos-ei um exemplo disto no quadro da nossa nova lei sobre a protecção dos Menores: previu-se uma protecção social ao lado de uma protecção judiciária e, para assegurá-la, há grandes Serviços Sociais verdadeiramente importantes previstos para cada Bairro. Estes Serviços Sociais, que chegam a comportar vinte Assistentes Sociais, têm o seu chefe autónomo - Assistente Social. O que quer dizer que já não dependem, como era o caso anteriormente, ou do Juiz ou do Ministério Público; mas que têm como chefe alguém de sua própria profissão. Ficámos verdadeiramente atónitos ao constatar que isto trazia um pouco de perturbação, entre os delegados à protecção à infância, entre os Assistentes Sociais. Quando a lei estava ainda no estágio de projecto, tive ocasião de discutir esta realização com Assistentes Sociais colocados nestes Serviços e alguns havia que arredavam um pouco esta responsabilidade e preferiam - achavam-no mais tranquilizador e seguro - depender do Juiz ou do Magistrado do Tribunal porque tinham medo de ter no lugar de chefes alguns de entre eles, e não viam como organizar tal responsabilidade. Não direi que fosse sempre assim, em absoluto; é, todavia, fenómeno assás geral. Há também, noutros campos, lugares em que se pedem, cada vez mais, pessoas capazes de tomarem iniciativas e, sobretudo, de serem chefes e elementos de quadro. Aqui está a principal razão pela qual pensamos que seria útil fazer uma formação continuada, ajudando os Profissionais a, por um lado, formar quadros e, por outro, dominar melhor os

seus métodos. Constatámos, efectivamente, esta coisa muito feliz: a óptica em que se faz ensino a pessoas com ao menos cinco anos de prática profissional em Serviço Social (que estabelecemos como condição de admissão) é diferente da que pode utilizar-se numa Escola de base, mesmo com Alunos inteligentes. É muito mais fácil encarar casos, falar imediatamente da aplicação de certos conceitos, a pessoas que têm uma maior maturidade (é, geralmente, o caso; há excepções, mas então é coisa muito grave) e uma experiência prática.

Dificuldade - confesso-vos-lo honestamente - é que, pelo facto de exigirmos, longo período de trabalho prático (sobretudo para com os primeiros que foram seleccionados) nos vemos obrigados, em certa medida, a fazer simultaneamente reciclagem. Se os elementos que agora chegam à formação continuada tivessem a formação de base que têm, neste momento, os Alunos das Escolas, poder-se-ia avançar mais depressa. Mas, em geral, os primeiros seleccionados (18 do lado flamengo e 18 da parte francófona do País) tinham já deixado a Escola há, por vezes dez anos e mais. Assim o CENTRO PARA A PROMOÇÃO DO TRABALHO SOCIAL, que faz a formação continuada, teve de começar por uma certa forma de reciclagem, uma vez que os conhecimentos, até de base, não estavam verdadeiramente actualizados e a metodologia carecia ainda de ser fundamentada, em vez de só continuada, como de início poderia supôr-se.

Última ideia que quereria desenvolver um pouco seria esta: uma das questões postas frequentemente, em relação a este ensino continuado (sobretudo no quadro de um pequeno curso-seminário que eu própria dou) é a da contribuição específica do Serviço Social. Será assunto que pode interessar-vos. Não sei se a questão é igualmente aguda aqui, conquanto tenha podido surpreendê-la, por vezes, graças às numerosas conversas que tive com algumas de vós (ou algumas conversas que tive com muitas de vós - é mais isto). Creio ter podido surpreender este problema um pouco no Serviço Social de Empresa, onde se começa a notar certa inquietação a propósito do papel respectivo do psicólogo, se faz psicologia aplicada, e do Assistente Social. Entre nós, o fenómeno demarca-se com maior intensidade porque temos muitas novas profissões, não direi análogas, mas vizinhas do Serviço Social, tendo com ele afinidades - e estão sendo criadas cada vez mais. Temos já Assistentes de Psicologia, Assistentes de Pedagogia, Assistentes de Medicina, Educadores especializados, como Educadores para a formação sócio-cultural. Daí a necessidade de, por seminários de discussão, determi-

nar muito claramente a identidade própria e constante do Serviço Social, apesar das evoluções, dos diferenciados sectores de trabalho e até das diferenças entre Países, como entre as necessidades que se manifestam. Não está ainda feito senão um esboço de estudos; estamos em vias de tentar ir mais longe, de aprofundar. Partimos (se vos interessa, é ponto que poderei discutir convosco, como outros quaisquer, aliás, de vosso empenho) dos pontos seguintes : que o Serviço Social é uma forma de ajuda; forma de ajuda que vai ao encontro de uma carência - e que o distingue da pura prevenção; carência que é de carácter social, ligada a uma disfunção social; como quarto elemento considerámos o elemento profissional da ajuda. Isto muito em resumo, só para vos dar uma ideia dos elementos que tentámos analisar.

E penso que vou ficar por aqui, para verdadeiramente vos deixar a possibilidade de um pouco de troca de impressões e de perguntas. Queraria unicamente terminar com a seguinte ideia: é-se, em regra, (disse-vos que o Serviço Social e o ensino de Serviço Social o eram) perfeccionista. Certo dia, num seminário onde se discutira terivelmente e no qual alguns dos participantes estavam fortemente inquietos porque se tinha posto de novo tudo em causa, Mlle Younghusband disse que, no fundo, o Serviço Social e o ensino de Serviço Social, haviam de "viver perigosamente" e que ela se sentia bastante inquieta quando já assim não era. Pois bem! de acordo! Vivamos em perigo, mas vivamos, mesmo assim, com alegria, apesar do perigo. Gostaria de citar como remate um pensamento de Saint-Exupery, autor muito de minha estima. Vou parafraseá-lo, porque não tenho boa memória, não sei o texto de cor. Fala da profissão de piloto e diz-nos que é uma profissão privilegiada porque tem risco, é perigosa mas permite ao homem dar a sua plena medida. Pois eu quereria, se vós quiserdes, transpor esta ideia do piloto à Assistente Social: a sua profissão comporta muito risco e é assás aventureira; mas é também profissão que permite à pessoa dar toda a sua medida!

-----oOo-----

BREVE NOTÍCIA DA VIDA DO INSTITUTO

a) Exame de Estado

Pode dar-se a grata notícia, comunicada em ofício do Senhor Inspector Superior do Ensino Particular com data de 25 de fevereiro findo, de que Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional "já mandou elaborar projecto de Diploma em ordem a ser permitida a realização do Exame de Estado logo após o termo do 4.º ano do curso de Assistente Social".

Releva-se e agradece-se a atenção das Exm<sup>as</sup>. Autoridades a uma justa aspiração dos Institutos de Serviço Social da Metrópole.

b) Cursos post-graduados

Consoante se prometeu no número anterior do BOLETIM (pag. 79), dá-se conta dos projectos em curso no tocante a colaboração da Escola com o Corpo Profissional.

Organizaram-se três cursos post-graduados, para este ano lectivo de 1966/67.

1. Curso de ADMINISTRAÇÃO DE SERVIÇOS SOCIAIS

Sob regência dos Prof. Dr. Francisco P. de Moura (que dá DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO - 30 h.), Dr. Fernando Silveira (que dá ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA - 54 h.) e As. Soc. D. Maria de Lourdes F. de Meideiros (que dará ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇO SOCIAL), destina-se a Assistentes Sociais com, ao menos, três anos de prática profissional e em exercício, actual ou iminente, de chefia em Serviços com real influência na programação social. Processa-se, com 2 sessões de 3 h. cada uma por semana, de fevereiro a julho. Estão a frequentá-lo 23 Assistentes Sociais. As aulas, tanto de Desenvolvimento Económico, como de Organização Administrativa, já começaram e subordinam-se aos programas que a seguir se publicam.

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

(Dr. Fernando Silveira)

DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO

(Dr. Francisco Pereira de Moura)

1. Os problemas e os métodos da Economia, vistos através da actividade nos Serviços das diferentes participantes.
2. Visão global da estrutura e funcionamento de uma economia, à base das noções de quadro de entradas-saídas, produto e rendimento nacional e lógica da economia de mercado.
3. Estrutura da economia portuguesa : as contas nacionais e o quadro de entradas-saídas de 1957.
4. Evolução da economia portuguesa : 1938; 1947; 1953-62; 1963-67; 1968-73. Análise das transformações de estrutura; confronto com outros países.
5. Evolução da economia portuguesa : da lei da reconstituição económica ao III Plano de Fomento (actualmente em preparação).
6. Obstáculos ao desenvolvimento e fundamentos do planeamento.
7. Componentes e fases do Plano : objectivos, projecções, projectos e medidas de política económico-social.
8. A orgânica e os processos tradicionais da Administração Pública e a política de desenvolvimento planeado.
9. O planeamento de um sector da economia (a escolher entre : Agricultura, Indústria, Ensino, Habitação, Saúde).
10. A preparação de um projecto e a sua avaliação social. Estudos de casos.

0. Abertura do curso

1. Introdução

2. Administração e Sociedade

3. Classificação e Tipologia dos serviços administrativos

4. As funções da Administração

5. A administração de pessoal

6. Estudos e programas

7. A coordenação

8. O contróle

- Definição dos objectivos em vista.
- Evolução histórica da Teoria da Administração; o estudo da Administração como ciência; Teoria da Administração e cibernética.
- Sociedade e organização; a Administração Pública como fenómeno organizativo; importância da função planificadora da Administração.
- Serviços operacionais, auxiliares e de estado-maior.
- Funções essenciais, tradicionais e novas funções da Administração Pública.
- Os problemas orgânicos da Administração de pessoal; classificação dos postos de trabalho; selecção e formação do pessoal; a carreira; remuneração; o futuro da administração de pessoal.
- O conhecimento do presente e a preparação dos programas; métodos e princípios de previsão.
- Métodos de coordenação; as reuniões de trabalho; princípios gerais de condução de reuniões.
- As diferentes modalidades de contróle; organização do contróle.



9. As relações com o público

- O estudo das necessidades e atitudes do público; a formação geral do público.

10. A organização e os métodos de execução do trabalho administrativo

- 10.1 - Conceito, definição e importância da produtividade; produtividade, desenvolvimento económico e progresso científico; factores de produtividade.
- 10.2 - Síntese de produtividade global; políticas de produtividade.
- 10.3 - A racionalização do trabalho administrativo - o estudo dos métodos, movimentos e tempos de trabalho; a simplificação dos circuitos e procedimentos administrativos.
- 10.4 - A mecanização do trabalho administrativo.
- 10.5 - Ergonomia - fisiologia do trabalho; implantação dos serviços e postos de trabalho; factores de ambiente; higiene e segurança do trabalho.
- 10.6 - Processos e meios de classificação e arquivo dos documentos; escolha dos sistemas de classificação; tratamento integrado da informação.
- 10.7 - A racionalização da estrutura interna do serviço - a divisão do trabalho e a repartição do poder de decisão.

11. O moral do trabalho

- Conceito e factores do moral do trabalho.

12. As relações humanas

- As relações do trabalho; princípios gerais da teoria da informação; as relações públicas; atitudes, frustrações e motivações no trabalho.

13. As relações de poder

- O problema das normas de trabalho; regras gerais das estruturas; evolução dos sistemas de poder.

14. Os métodos de direcção

- Sistemas de comando; aspectos psicológicos do comando; qualidades dos dirigentes; os meios de comunicação.

15. Os sistemas de organização do tipo burocrático

- A teoria das disfunções burocráticas; as pressões novas sobre o modelo burocrático; factores de mudança.

16. Os métodos de observação das Ciências Sociais

- 16.1 - Métodos históricos;
- 16.2 - Métodos de análise de documentos;
- 16.3 - Métodos de inquérito;
- 16.4 - Métodos de testes;
- 16.5 - Métodos de medida de atitudes e opiniões;
- 16.6 - Métodos estatísticos;
- 16.7 - Métodos monográficos;
- 16.8 - Métodos de "estudo de casos";
- 16.9 - Métodos de observação participante e métodos de experimentação.



O programa de Administração e Serviço Social, cujas aulas se iniciarão mais tarde, será definitivamente elaborado em função do que pareça conveniente e publicar-se-á no próximo número.

2. Curso de PRÁTICA DA SUPERVISÃO

EM SERVIÇO SOCIAL

Regido por D. Lúcia Gavello Castillo, destina-se a Assistentes Sociais, em especial Chefes de Estágio ou Supervisoras, que hajam feito anteriormente o curso de INTRODUÇÃO À SUPERVISÃO EM SERVIÇO SOCIAL que D. Lúcia regeu no ano lectivo findo e repetiu neste. Comporta 2 sessões por semana, uma das quais no Instituto (desdobrada em dois turnos - à tarde e à noite), a outra em Serviços, a grupos constituídos por afinidade das actuações sociais desenvolvidas.

Iniciou-se a 6 de março, tem inscritos 61 Assistentes Sociais e obedece ao seguinte programa :

Para os Encontros gerais :

revisão do curso teórico anterior, ampliando alguns temas de acordo com os interesses do Grupo e particularmente:

- Dinâmica da Supervisão
- Etapas da Aprendizagem
- Auto-avaliação do Supervisor

Para os Encontros por grupos nos Estágios:

revisão dos Programas de Supervisão  
discussão de situações concretas de Supervisão

3. Curso de SERVIÇO SOCIAL DE CASOS

COM ENFOQUE FAMILIAL

Com regência da As. Soc. D. Lúcia G. Castillo e da As. Fam. D. Maria Margarida Abreu Costa, realizar-se-á nos meses de maio e junho, com programa ainda a concretizar.

- S U M Á R I O -

	Pg.
Maria Margarida A. Costa .....	SERVIÇO SOCIAL ESCOLAR - 3
Maria Nasciolinda C. Goes .....	AJUSTAMENTO ESCOLAR E TRABALHO DE GRUPO - 21
Maria Palmira M.P. Duarte (Maria Júlia Silva Maria Teresa Duran) .....	UMA TENTATIVA DE SERVI ÇO SOCIAL ESCOLAR - 33
Alberto C. Vicente .....	PREVISÃO E PROSPECTIVA - 41
Maria Albertina S. Assunção .....	O CENTRO SOCIAL - INS- TRUMENTO DE PROMOÇÃO HUMANA - 48
Gerda DE BOCK .....	A FORMAÇÃO PARA O SER- VIÇO SOCIAL NA BÉLGICA - 65

CATOLICA

PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

LISBOA



CATÓLICA

CRC-W · CATOLICA RESEARCH CENTRE FOR  
PSYCHOLOGICAL, FAMILY AND SOCIAL WELLBEING

---

LISBOA